

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS

VINÍCIUS ALEXANDRE ROCHA FERNANDES DA SILVA

ONDE ANDARA CAIO F.?
ITINERÁRIO LITERÁRIO EM PORTO ALEGRE

PORTO ALEGRE

2023

VINÍCIUS ALEXANDRE ROCHA FERNANDES DA SILVA

**ONDE ANDARA CAIO F?
ITINERÁRIO LITERÁRIO EM PORTO ALEGRE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de bacharel em Letras - Tradução (Português e Inglês)

Orientadora:

Profa. Dra. Rita Lenira de Freitas Bittencourt

Co-orientadora:

Profa. Dra. Denise Regina de Sales

PORTO ALEGRE

2023

CIP - Catalogação na Publicação

Rocha Fernandes da Silva, Vinicius Alexandre
Onde andara Caio F.? Itinerário literário em Porto Alegre / Vinicius Alexandre Rocha Fernandes da Silva.
-- 2023.
72 f.
Orientadora: Rita Lenira de Freitas Bittencourt.

Coorientadora: Denise Regina de Sales.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Letras, Bacharelado em Letras: Tradutor Português e Inglês, Porto Alegre, BR-RS, 2023.

1. Turismo literário. 2. Itinerário literário. 3. Caio Fernando Abreu. 4. Porto Alegre. I. de Freitas Bittencourt, Rita Lenira, orient. II. de Sales, Denise Regina, coorient. III. Título.

VINÍCIUS ALEXANDRE ROCHA FERNANDES DA SILVA

ONDE ANDARA CAIO F.?
ITINERÁRIO LITERÁRIO EM PORTO ALEGRE

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Instituto de Letras da Universidade Federal
do Rio Grande do Sul como requisito parcial
para a obtenção do título de bacharel em
Letras - Tradução (Português e Inglês)

Data da aprovação: 06/09/2023

Profª. Dra. Rita Lenira de Freitas Bittencourt
Orientadora – Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Profª. Dra. Denise Regina de Sales
Co-orientadora – Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Dr. Luís Francisco Wasilewski
Membro da banca – Universidade Federal do Rio de Janeiro

Dr. Diego Lock Farina
Membro da banca – Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Juventude transviada para mim é conto de fada

Em memória de Rita Lee

AGRADECIMENTOS [NÃO FINALIZADO]

Em teoria, a seção de agradecimentos talvez devesse se restringir àqueles e àquelas que por um ou por vários motivos direta ou indiretamente tomaram parte nessa minha tortuosa e gratificante experiência de fim de curso, mas simplesmente não vou conseguir me limitar a esse grupo mais seleto e deixar de incluir pessoas que bem antes estiveram comigo e que me impulsionaram até aqui, até o meu atual estado de carcaça, tino e história.

Então, em primeiro lugar, gostaria de agradecer e prestar uma homenagem não só ao escritor e gaúcho meio cidadão do mundo Caio Fernando Abreu, objeto de interesse deste trabalho, como também a todas as vidas LGBTQIAPN+ que vieram antes de mim e antes dele, sobretudo àquelas que lutaram por mais direito, liberdade, visibilidade e dignidade para a nossa comunidade. Me dói saber que em muitos países ainda hoje somos proibidos por lei (às vezes, sob pena de morte) de expressar a nossa sexualidade e a nossa identidade de gênero; que, mesmo em territórios em que há ao menos um aparato jurídico a nos apoiar e proteger, somos, na prática, relegados a micro e macroviolências de toda espécie cotidianamente; que, por aqui, nesta terra brasileira, as estatísticas sejam tão contraditórias e cruéis, ainda mais com as nossas irmãs e os nossos irmãos travestis; e por aí vai. São tantas, tantas camadas. Os sentimentos são tantos. É de uma complexidade só. E percebam que nem cheguei a mencionar as milhares de questões que se passam internamente, dentro das nossas cabeças muitas vezes tumultuadas por esse *status quo* cis-heteronormativo que em muitos aspectos não nos contempla e com o qual lidamos à força. Ainda assim, eu acredito e torço por dias melhores para nós e a presente pesquisa, por mais diminuta que seja, eu a lanço como uma contribuição e um tributo ao movimento.

Mãe. Como é possível que você não soubesse do que estava fazendo?

Gui. Gladis.

Agradeço a você, Estero. Se precisei da minha mãe para nascer e do Gui para entrar na Letras, foi de você que precisei para de fato começar este trabalho. Gracias, mi amor. Merci beaucoup, mon chér. Gratitud. Estero. Agradeço à Estero, especialmente por toda a falta de tempo. Se eu precisei da minha mãe pra nascer, do Gui pra ir pra Letras, foi da estero que precisei pra de fato começar a escrever o trabalho. Gracias, mi amor. Merci beaucoup, mon amie. Gratitud. Tu chorou lendo meus agradecimentos. Escutamos Cancion Pequena.

Agradeço às minhas irmãs: à Joanna por ser um símbolo de trabalho, autonomia e pragmatismo e à Júlia por ser um símbolo de espontaneidade, emoção e conhecimento de mundo. De certa forma, eu sempre quis ser e ser como elas. A elas dedico a canção *Irmãs*, da banda Carne Doce. Correlatamente, estendo o agradecimento às sobrinhas que elas me deram: à Lili sobretudo pelo momento em que, recém-nascida, a peguei no colo e, em estado de epifania, notei que estava diante de uma menina dona de um mar de possibilidades e que, zerada pelo início da vida, ela se resumia a uma promessa de futuro vasto e nada mais; e à Rafinha por todas as vezes (e não foram poucas) em que chorei tendo-a no colo, quase sempre a ouvir e a cantar a versão do Mundo Bitá de *Como é grande o meu amor [...]*. Deus, seja bondoso com elas, por favor. Torço para vê-las grandes e muito amigas, uma tendo a outra, como irmãs realmente. Amo as duas.

Agradeço a você, Rodrigo, por me proporcionar as conversas mais profundas e absurdas de toda a minha vida e por, mesmo sem querer, ter se tornado uma referência gay para mim — a você e ao Ariel, que, inclusive, com orgulho referencio neste trabalho. Agradeço ao Rodrigo, especialmente por todo o material para pensamento; quem me conhece sabe como isso é importante pro meu espírito e como me completa. Rodrigo (pelas conversas viadas profundas, por me mostrar que existem casais). Will, Leandro e a todos os gays que cruzaram a minha vida.

Agradeço à Pâmela, grandiosidade, sua inteligência, do seu senso de justiça; de verdade, eu torço muito para que você dê saltos; São Paulo, Nova Iorque, o mundo todo, toque mãos de presidentes.

Agradeço à minha analista, Luciana, pelo trabalho de formiguinha para me ajudar a ter uma vida gay mais feliz e plena. Acima de qualquer coisa, agradeço por ler com prontidão *O Meu Conto*. Disso e da surpresa que foi esquecer-me-ei nunca.

Agradeço às veias que mais marcaram o meu dia a dia de graduação e, conseqüentemente, a minha experiência como um todo: a Beca (L), o Alanus Bicanus (G), a Mary Anne (B), a Stevie Nicks (a.k.a. Nikohls), a Lu (a.k.a. Neide), a My e o Ramirōrūm.

Pelo suporte com o TCC, agradeço às bibliotecárias Andressa Sanssonovicz e Daniela Christ, que me receberam de braços abertos e compartilharam comigo documentos do acervo de Caio sob domínio da PUC-RS. Pelo apoio emocional em momentos de maior ansiedade, agradeço aos colegas (de IC e de trabalho, respectivamente) Henrique Nunes e Carol Medina.

Sou grato, por fim, a todas as instituições públicas de ensino pelas quais passei.

RESUMO

A presente monografia se configura como uma proposta de passeio em Porto Alegre envolvendo a biografia de Caio Fernando Abreu (1948-1996). Sendo assim, ela está circunscrita no campo do turismo literário e tem relação direta com o itinerário literário, uma das aplicabilidades dessa temática. Para cumprir com o meu objetivo, foi necessário, por um lado, buscar dados biográficos do escritor em questão, dando especial atenção aos períodos em que ele morou ou visitou a capital gaúcha e aos locais da cidade vinculados à sua trajetória. Por outro lado, foi preciso ir atrás de outros itinerários literários, de modo que fosse possível usá-los como fonte de inspiração para pensar e tomar decisões acerca de elementos como duração temporal, extensão espacial e método de deslocamento. Neste trabalho, apresento *I Caio F. Walking Tour*, *Caminho da Poesia em Santiago* e *O Rio de Clarice* como exemplos, mas existem muitos outros, tanto nacionais quanto internacionais. Ao final da pesquisa, cheguei a um roteiro de aproximadamente 4km a serem percorridos a pé, incluindo 12 pontos de paragem, que cobrem 4 bairros e dão conta de importantes temas da biografia de Caio, como moradia, lazer, estudo e trabalho. Com isso, espero poder contribuir para a manutenção da memória do autor, trazer visibilidade para questões da comunidade LGBTQIAPN+ e valorizar bens materiais e imateriais de POA.

Palavras-chave: Turismo literário; Itinerário literário; Caio Fernando Abreu; Porto Alegre.

ABSTRACT

This study aims at proposing a guided tour involving the life of Caio Fernando Abreu (1948-1996) in Porto Alegre. In that case, it is related to literary tourism and has a strong connection to the concept of literary tour. On one hand, in order to achieve my goal, I had to gather biographical details on the life of this specific writer, paying special attention to both the periods that he lived or visited Porto Alegre and the places associated with his life story. On the other hand, I had to look for other literary tours, so I could use them as a source of inspiration to think about and make decisions on aspects such as length, extension, and mode of transport. There are many other literary walking tours out there, but I brought into this work 3 examples: *I Caio F. Walking Tour*, *Caminho da Poesia em Santiago e O Rio de Clarice*. Finally, I came with the proposal of a 4-mile route that includes 12 points, encompasses 4 neighborhoods, and covers important aspects of Abreu's biography, such as housing, leisure, education, and work. Through this project, I hope to contribute to the preservation of the author's memory, bring to light LGBTQIAPN+ issues, and relish both Porto Alegre tangible and intangible assets.

Keywords: Literary tourism; Literary tour; Caio Fernando Abreu; Porto Alegre.

LISTA DE ABREVIACÕES

DCE	Diretório Central de Estudantes da UFRGS
DOPS	Departamento de Ordem Política e Social
FACED	Faculdade de Educação da UFRGS
INAMPS	Instituto Nacional de Assistência Médica da Previdência Social
IPA	Instituto Porto Alegre
Km	Quilômetro
LGBT	Lésbica, gay, bissexual e transexual/travesti
LGBTI+	Lésbica, gay, bissexual, transgênero/travesti, intersexo e demais orientações sexuais e identidades de gênero
LGBTQIAPN+	Lésbica, gay, bissexual, transexual/travesti, queer, intersexo, assexual, pansexual, não binária e demais orientações sexuais e identidades de gênero
MARGS	Museu de Arte do Rio Grande do Sul
POA	Porto Alegre
RS	Rio Grande do Sul
RU	Restaurante Universitário da UFRGS
SP	São Paulo
TJSE	Tribunal de Justiça de Sergipe
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	12
2 SOBRE TURISMO LITERÁRIO.....	15
2.1 TURISMO LITERÁRIO.....	15
2.1.1 <i>Exemplos de itinerários literários.....</i>	<i>21</i>
2.1.1.1 I Caio F. Walking Tour.....	21
2.1.1.2 Caminho da Poesia em Santiago.....	22
2.1.1.3 O Rio de Clarice.....	23
3 SOBRE CAIO EM PORTO ALEGRE.....	25
3.1 PANORAMA GERAL.....	25
3.2 FASE 1: ÊXODO (1964-1968).....	27
3.3 FASE 2: NOMADISMO (1969-1993).....	31
3.4 FASE 3: JARDINAGEM (1994-1996).....	34
4 PROPOSTA DE PASSEIO.....	38
4.1 MAPA DO ITINERÁRIO.....	38
4.2 PONTOS E HISTÓRIAS.....	40
4.2.1 <i>Antigo Cine Baltimore.....</i>	<i>41</i>
4.2.2 <i>Bar Ocidente.....</i>	<i>44</i>
4.2.3 <i>Antiga Casa de Luísa Felpuda.....</i>	<i>46</i>
4.2.4 <i>Antiga Faculdade de Filosofia da UFRGS.....</i>	<i>48</i>
4.2.5 <i>Praça Argentina.....</i>	<i>51</i>
4.2.6 <i>Antigo Teatro Universitário.....</i>	<i>52</i>
4.2.7 <i>Hotel Uruguai.....</i>	<i>53</i>
4.2.8 <i>Antiga residência na Jerônimo Coelho.....</i>	<i>55</i>
4.2.9 <i>Cena de Aqueles dois.....</i>	<i>58</i>
4.2.10 <i>Praça da Alfândega.....</i>	<i>59</i>
4.2.11 <i>Rua da Praia.....</i>	<i>61</i>
4.2.12 <i>Jornal Correio do Povo.....</i>	<i>62</i>
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	64
REFERÊNCIAS.....	66
APÊNDICE A - RELAÇÃO: ANO DE VIDA E LOCAL DE MORADIA.....	72

1 INTRODUÇÃO

A minha história com Caio Fernando Abreu começou na época do vestibular, em 2017. *Morangos mofados* figurava na lista de leituras obrigatórias daquele ano. Por estar prestando a prova para Letras, sabia que os pontos em literatura fariam toda a diferença, então me comprometi a ler todas as obras. Até aquele momento, nada sabia de Caio, além de duas informações na verdade improcedentes: que era porto-alegrense e que era gay. A partir disso, mesmo sem conhecê-lo propriamente e mesmo sem ter me conectado àquele livro de contos tão intensamente, criei por ele uma espécie de simpatia platônica.

Agora, no período que encerra o meu percurso na graduação em Letras, Caio retorna a mim e se transforma no meu objeto de pesquisa. O meu principal interesse? A história de vida dele, que é um pouco como a minha e que pode ser um pouco como a de tantas outras pessoas que se veem rodeadas por um mundo cis-heteronormativo que não as contempla integralmente, sequer parcialmente talvez. Mais do que isso, o meu maior objetivo é o de, por meio deste trabalho, reunir dados e materiais biográficos suficientes para elaborar um passeio por Porto Alegre (ou, como Caio brincava, Gay Port¹) que remonte e exponha, através da visita a locais que o escritor costumava frequentar, causos vividos por ele nos períodos em que morou ou esteve na cidade. Com isso, espero oportunizar um espaço e um momento para debater literatura, falar de Caio, aproximar leitores e não leitores, discutir particularidades da comunidade LGTBQIAPN+² e timidamente valorizar a história e a cultura de POA³.

Essa minha proposta de situar o autor em tempos e espaços definidos é desafiadora. Inquieto, pode-se dizer que Caio era uma pessoa fluida – fluida no que diz respeito, por exemplo, à sua visão de sexualidade (e à forma como desfrutava dela) e ao seu paradeiro. Ao longo dos seus 47 anos de vida, morou em muitos lugares, tanto no Brasil quanto no exterior, e sob as mais diferentes circunstâncias, indo de morador de bairro nobre carioca a residente de

¹ Sarrista, Caio costumava se referir a Porto Alegre como Gay Port, numa clara brincadeira com a tradução literal do nome da cidade para a língua inglesa (versão esta mais purpurinada, diga-se de passagem). Esse jogo de palavras pode ser observado nas suas cartas. Ver Moriconi (2002).

² Não há, no Brasil, um órgão que institucionalize uma sigla oficial ao movimento social que luta por mais direito, respeito e igualdade a pessoas não cis-heterossexuais, embora a Conferência Nacional de Políticas Públicas e Direitos Humanos LGBT, realizada, respectivamente, em 2008, 2011 e 2016, todas elas sob a gestão do presidente Lula e da presidenta Dilma, tenham um impacto nisso (LOPES, 2023; SOUZA, 2022; RODRIGUES, 2023). Neste trabalho, adoto de maneira arbitrária o acrônimo LGTBQIAPN+ por ser uma opção em voga atualmente e por, em comparação a outras variantes com uso corrente (como LGBT e LGBTI+), ser mais inclusiva. O TJSE (2022) tem um material muito bacana sobre o assunto.

³ Ao longo do trabalho, incluo algumas abreviações. Elas estão elencadas na parte de elementos pré-textuais da monografia, em lista correspondente e seguindo uma ordem alfabética ascendente.

ocupações em Londres (CALLEGARI, 2008; DIP, 2009). Inclusive, depois de anos de idas e vindas, Caio, insatisfeito, relata: "[...] eu não gosto de São Paulo. Mas eu não gosto de Porto Alegre, não gosto do Rio também. Não gosto de nenhum lugar. Não suporto lugares geográficos." (DIP, 2009, p. 174), o que, além de revelar uma personalidade agitada, adiciona uma camada de ironia ao meu trabalho, que justamente se propõe a estabelecer uma relação entre a biografia do escritor gaúcho e *lugares geográficos* da capital sul-rio-grandense.

Não apenas fluido, Caio era também fronteiro. Ao que tudo indica, detestava cartilhas que tentavam fixar como as pessoas deveriam se portar e desprezava rótulos estanques e limitantes. No campo da sexualidade, há relatos de que tinha casos com mulheres (a que ele chamava de "recaídas heterossexuais" [DIP, 2009, p. 45]), tendo chegado, segundo Dip (2009) e Callegari (2008), a se envolver diretamente em pelo menos um processo de aborto, ainda que apresentasse, vou dizer, uma "tendência homossexual"⁴. Em relação a lugares do mundo, parecia viver insatisfeito com eles, sobretudo com aqueles em que morava, tendência que o levou a se mudar com frequência e a passar por muitas localidades. Esses são, enfim, exemplos que podem demonstrar recorrentes entre-lugares na sua vida.

A bem da verdade é que ele próprio se sentia e se julgava um homem da fronteira, num misto de sátira e também de genuíno reconhecimento às suas raízes sulistas. Via na sua mãe, Nair, uma referência e, sendo ela natural de Itaqui, município gaúcho à beira do Rio Uruguai, de fato na borda entre o Brasil e a Argentina, ia até lá para visitar os avós. Nessas ocasiões, se encantava com a cultura de transição do local e com a paisagem natural do lugar, que tem como cidade-gêmea a *hermana* Alvear. Com efeito, Caio Fernando dividia o amor que tinha pelo rincão itaquense com a sua terra natal, Santiago, que fica no meio do caminho entre Santa Maria e a fronteira oeste do Rio Grande do Sul, onde nasceu em 12/09/1948 e de onde, aos 6 anos, produziu a sua primeira estória e tirou inspiração para muitas outras (*ibid.*).

Em 1964, com 16 anos de idade, sai de Santiago, viaja 364 quilômetros e chega, sozinho, a Porto Alegre. Vai para estudar no IPA. Se forma. Na sequência, ingressa no curso de Letras da UFRGS e, depois, no curso de Direção Teatral da mesma universidade. Abandona (para nunca mais retomar) ambas as graduações em 1968, quando surge a oportunidade de fazer parte da primeira equipe editorial da revista *Veja* em São Paulo

⁴ Embora Caio Fernando Abreu apresentasse uma maior e mais recorrente atração por outros homens, ao ler sobre a sua vida, me ocorreu a hipótese de que ele experienciava uma orientação sexual mais fluida, transcendendo uma mera homo ou bissexualidade. O depoimento de Valdir Zwetsch reforça a minha suposição: "[...] ele não cabia apenas na definição de homossexual, eu diria que ele era pansexual" (DIP, 2009, p. 26).

(CALLEGARI, 2008; DIP, 2009). Dali em diante, vive um bom tempo como nômade: mora em várias cidades paulistas, no Rio de Janeiro, em Estocolmo, em Londres e em Saint-Nazaire, na França. Retorna definitivamente a POA em 1994.

Quando volta, Caio Fernando Abreu já é um escritor conhecido e premiado e tem uma obra consistente, incluindo, mais canonicamente falando, romances, contos, crônicas e peças de teatro (valendo mencionar obras-primas como *Morangos mofados*, de 1982; *Onde andaré Dulce Veiga*, de 1990; e *Triângulo das águas*, de 1983), além de textos jornalísticos, traduções, longas cartas, entradas de diário e até mesmo poemas, letras de música e roteiros para telenovela. Ao todo, reside aproximadamente $\frac{1}{3}$ da sua vida na capital gaúcha, entre muitas idas e vindas. Deixa a cidade de Porto Alegre, pelo menos espiritualmente, somente em 25/02/1996, em ocasião do seu falecimento. Nela, viveu de tudo um pouco e, hoje, descansa no Cemitério Ecumênico João XXIII (RBS, 2022), no bairro Medianeira.

O *tour*, enfim, que estou propondo aqui começa pela (1) *Introdução*, em que lanço dados gerais da pesquisa, incluindo minhas justificativas e meus objetivos, bem como apresento brevemente Caio Fernando Abreu.

Na sequência, convido vocês a partirem comigo para (2) *Sobre turismo literário*, seção dedicada ao turismo cultural e a uma de suas aplicabilidades; a saber, o itinerário literário. Dentro dela, exponho, ainda, projetos e exemplos de passeios voltados à literatura que existem ou existiram, como o (2.1.1.1) *I Caio F. Walking Tour* e o (2.1.1.3) *O Rio de Clarice*.

Adiante, temos (3) *Sobre Caio em Porto Alegre*, que, como em uma linha de metrô, conduz um trem com sentido à biografia do escritor, levando a um (3.1) *Panorama geral* e às fases em que ele passou períodos mais longos na capital gaúcha, a que apelidei de (3.2) *Êxodo (1964-1968)*, (3.3) *Nomadismo (1969-1993)* e (3.4) *Jardinagem (1994-1996)*.

Por fim, há a minha própria (4) *Proposta de passeio a pé por Porto Alegre*, cujo foco está na relação do escritor com a cidade. Nesta seção, exponho o (4.1) *Mapa do roteiro* que montei e a seleção que fiz de (4.2) *Pontos e histórias* vinculadas a eles.

A jornada desta monografia especificamente se encerra com as (5) *Considerações finais*, mas a obra e os percursos de Caio Fernando continuam em aberto, sempre produzindo novas sensações e reflexões.

2 SOBRE TURISMO LITERÁRIO

Neste capítulo, apresento a temática do turismo literário e uma de suas aplicabilidades; a saber, o itinerário literário. Na sequência, exponho 3 exemplos de passeios que já aconteceram: o I Caio F. Walking Tour, o Caminho da Poesia em Santiago, cidade de Caio Fernando Abreu, e O Rio de Clarice.

2.1 TURISMO LITERÁRIO

De acordo com Quinteiro e Baleiro (2017), a base do conceito de turismo possui 2 elementos: um dinâmico e um estático. É dinâmico porque requer que o turista se desloque fisicamente⁵ da sua residência a um outro lugar e é estático porque requer que o turista também busque uma estadia, isto é, um local para repousar e guardar pertences, por exemplo. No caso do turismo literário, este subjacente à seara do turismo cultural na percepção de diversos autores (QUINTEIRO, BALEIRO, 2017; TRENTINI, 2021; RIBEIRO, 2021; AMARAL, 2019; MELO, 2022), a viagem é de antemão atravessada por uma motivação literária, que se traduz principalmente pelo interesse em escritores ou obras: "falamos de turismo literário quando é o texto que dá origem à viagem e não a viagem que dá origem a um texto no qual, por exemplo, se descrevem as paisagens e as suas etapas e episódios, como sucede com a chamada literatura do Grand Tour, época na qual a viagem era o motivo e a literatura era a motivação" (QUINTEIRO, BALEIRO, 2017, p. 36 *apud* TOWNER, 2002). Além disso, diferentemente do que pensam Graham Busby e Julia Klug⁶, as autoras (2017) não acreditam que há uma relação entre a popularidade do literato ou do texto literário e a disposição de se deslocar para prestigiá-los. Na verdade, na percepção delas, isso tem mais a ver com a conexão que o indivíduo estabelece com o autor e/ou com a obra do que necessariamente com a sua fama.

Outro elemento marcante do turismo literário é que há uma fusão entre a realidade, a ficção e a imaginação do leitor (QUINTEIRO, BALEIRO, 2017): "a visita aos locais onde se dá esse encontro permite aos leitores interagirem com os autores e/ou personagens que

⁵ Imagino que, diante da presença cada vez mais acentuada da internet na vida moderna e da possibilidade de explorar outros lugares virtualmente, esse conceito já esteja sendo posto em cheque ou venha a ser redefinido no futuro...

⁶ "Fenômeno que acontece quando os autores, os seus textos ou até as suas personagens se tornam tão populares que há quem se desloque propositamente aos locais associados a esses autores, às personagens ou cenários dos seus textos" (QUINTEIRO, BALEIRO, 2017, p. 35).

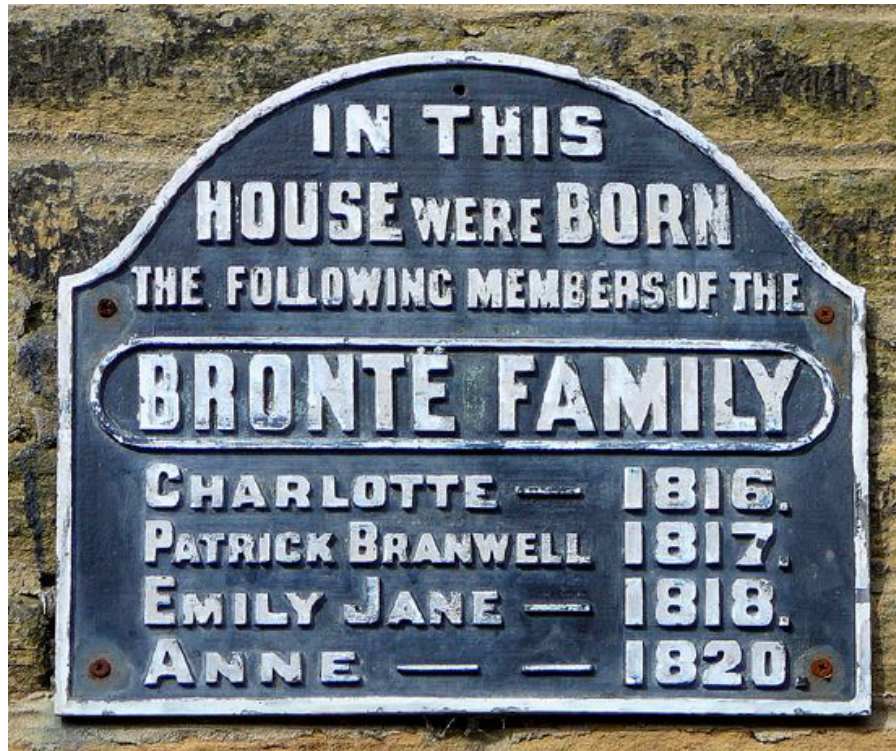
admiram, ver ou tocar os seus objetos, a mobília onde escreviam ou a cama onde dormiam [...]. Ao viajar de facto, e não apenas nas páginas dos livros, o leitor faz-se turista, viajante ou peregrino, torna concretos os lugares que até então eram apenas uma imagem gerada pela literatura na sua imaginação." (QUINTEIRO, BALEIRO, 2017, p. 36). Sendo assim, entendo que o turista que realizasse, por exemplo, o itinerário proposto por Ribeiro (2021) se depararia com: (1) o real, isto é, as construções que de fato existem na cidade de Alcântara, no Maranhão, e que nomeadamente servem de cenário para o desenvolvimento da narrativa de Josué Montello, como a Igreja de Nossa Senhora das Mercês e a Capela Nossa Senhora do Desterro; (2) a ficção, isto é, o reconhecimento dos acontecimentos que, dentro daquela narrativa, se passam nesses espaços; e (3) a imaginação do leitor, isto é, a comparação entre como o local foi projetado mentalmente ao ler a história e como o local de fato se apresenta.

Em termos históricos, alguns pesquisadores consideram que a gênese do turismo literário tenha se dado na Roma Antiga, pois há registros de que, àquela época, havia a possibilidade de visitar a cidade de Troia e, na ocasião, um guia instruído fazia a leitura de versos da *Iliada*, de Homero, que provavelmente tinham relação com o espaço visitado:

O turista tinha de ir numa visita guiada para apreciar Tróia, uma vez que havia pouco para ver. Guias instruídos reproduziam o capítulo e o verso da *Iliada* para os turistas, enquanto estes visitavam as praias gregas do desembarque, a caverna de Paris, a figueira junto aos portões, os túmulos de Ájax e Aquiles, o lugar para onde Zeus levou Ganimedes, a pedra a que Cassandra estava amarrada [...]. (QUINTEIRO, BALEIRO, 2017, p. 37 *apud* FEIFER, 1985, p. 21, grifo deste).

Ainda dentro do turismo literário, a partir do século XV, surgiu, na Europa, uma tendência de culto ao autor. Em outras palavras, a viagem tinha como intuito uma espécie de homenagem ao escritor, o que levou a uma fase de supervinculação entre a biografia de quem produziu certo texto e o texto produzido em si. É por isso que, no século XIX, algumas localidades começaram a ser muito atreladas a determinados autores, como Shakespeare e Stratford-upon-Avon, as irmãs Brontë e Yorkshire e Charles Dickens e Londres. Do século XX em diante, houve uma mudança de paradigma, pois os locais mencionados na literatura também passaram a motivar excursões (QUINTEIRO, BALEIRO, 2017, pp. 37-39).

Figura 1 - Placa posta na casa onde a família Brontë morou em Yorkshire, na Inglaterra



Fonte: Quinteiro e Baleiro (2017, p. 39)

Quanto à aplicabilidade do turismo literário, Quinteiro e Baleiro (2017) elencam uma série de produtos e experiências possíveis (ver Tabela 1 abaixo), mas antes disso destacam que trata-se de um compilado não estanque, ou seja, aberto para novas possibilidades. A seguir, vinculo alguns dos exemplos suscitados pelas autoras (*ibid.*) ao contexto brasileiro: a visita a lugares relacionados à biografia de autores pode ser concretizada através de itinerários como O Rio de Clarice, O Rio de Machado, Caminho da Poesia em Santiago e Caminhos Drummondianos; a ida a locais presentes em obras literárias pode ser concretizada através das propostas de Viñal Júnior *et al.* (2019) em Salvador e Ribeiro (2021) em Alcântara; a participação em festivais literários pode ser concretizada através da famosa Bienal do Livro de São Paulo e da Festa Literária de Paraty; e a visita a bibliotecas pode ser concretizada através da visitação ao Espaço de Documentação e Memória Cultural da PUC-RS, que reúne um acervo com documentos de, entre outros escritores, Caio Fernando Abreu, Moacyr Scliar e Cyro Martins.

Tabela 1 - Exemplos de produtos e experiências literárias

Tipos de produtos e experiências literários	Descrição
---	-----------

As viagens com a finalidade de visitar os lugares dos autores	Viagens às casas onde os autores nasceram, viveram ou morreram, aos espaços onde escreveram, às escolas onde estudaram, aos cafés, restaurantes e hotéis que frequentavam, às igrejas onde foram batizados, casaram ou decorreram as suas cerimónias fúnebres, às suas sepulturas e estátuas erigidas em sua homenagem.
As visitas com a finalidade de conhecer os lugares das obras	Visitas aos cenários onde se desenrola a ação, às estátuas das personagens, aos lugares onde as obras foram escritas ou lugares onde foram encenadas.
A realização de passeios literários	Passeios desenhados com base na vida e obra de um ou vários autores, que podem ser realizados com a orientação de um guia ou autonomamente, a partir de documentação disponibilizada em papel ou <i>online</i> e, eventualmente, complementado por sinalética nos pontos de paragem.
As visitas a livrarias	Visitas motivadas quer pelo edifício propriamente dito quer pela originalidade do conceito quer ainda pela sua associação a um texto ou a um autor.
As visitas a parques literários	Visitas a parques criados com base em textos literários e/ou nos seus autores. A maioria destas viagens realiza-se em direção a parques ligados à literatura infantil, ainda que sejam cada vez mais comuns os parques destinados a adultos.
As estadas em hotéis literários	Estadas em hotéis que de alguma forma estão relacionados com a literatura, com um autor, uma obra ou uma personagem.
As estadas em hotéis-biblioteca	Estadas em hotéis associados à literatura por via dos numerosos livros que colocam à disposição dos seus hóspedes. Estes espaços pretendem ser lugares privilegiados de leitura e são lugares propícios a um retiro literário.
As visitas a cidades literárias	Visitas às cidades literárias da United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization (UNESCO) e outras que, por terem uma forte associação à literatura, podem ser objeto desta classificação.
A participação em concursos	Participação em concursos que têm como objeto a literatura, como é o caso dos <i>peddypapers</i> literários, dos <i>literary quizzes</i> e de jogos de detetives inspirados em narrativas policiais.
A participação em jantares literários	Participação em jantares evocativos de um autor, obra ou personagem. Estes jantares podem incluir os pratos referidos numa obra, a utilização de vestuário da época, encenações, leituras de excertos, tertúlias.
A participação em tertúlias e sessões de leitura	Participação em atividades de leitura e debate em torno de um autor ou obra que se podem realizar com ou sem participação ativa do turista.
As encenações dramáticas de textos literários	Encenações de excertos de obras que podem decorrer em espaços descritos nos textos das obras ou noutros nos quais se constroem cenários alusivos aos descritos nas obras. As encenações podem realizar-se com ou sem a participação do turista.

Fonte: Quinteiro e Baleiro (2017, pp. 41-42)

No contexto do turismo literário, esses produtos e experiências possíveis se dão em lugares literários (ver exemplos na Tabela 2), divididos em 2 grandes grupos (aqueles representados nas obras e aqueles associados aos autores)⁷ e definidos da seguinte maneira: "uma fração de espaço na qual o turista-leitor reconhece o marcador literário" (QUINTEIRO, BALEIRO, 2017, p. 54). A partir dessa definição, entendo que, a menos que haja uma sinalização explícita, dada através de uma placa, por exemplo, lugares literários podem não ser facilmente reconhecidos, porque é preciso que o indivíduo tenha um conhecimento prévio

⁷ Trentini (2021) faz uma divisão um pouco diferente. São os 2 mesmos grandes grupos, mas o turismo literário motivado por obra tem outras 2 dimensões adicionais: o interesse no cenário e o interesse nos personagens.

acerca "do tecido textual ou do percurso biográfico do autor" (adaptado de Quinteiro e Baleiro [2017, p. 53]) e o confira ao local com que se depara.

Os lugares literários são, como dissemos no início desta secção, os únicos elementos tangíveis a que o turista-leitor pode aceder, visitar e incluir no itinerário da viagem, e, por esse motivo, são, por excelência, os pontos de encontro dos leitores-turistas com os autores, as obras e as personagens. (QUINTEIRO, BALEIRO, 2017, p. 54).

Tabela 2 - Exemplos de lugares literários

Tipo de lugar literário	Exemplos
Casas dos autores / casas-museu de autores	A casa de Cora Coralina, em Goiás Velho (Brasil); a casa-museu Lope de Vega, em Madrid (Espanha); a casa de Fernando Pessoa, em Lisboa (Portugal); a casa de Charles Dickens, em Londres (Inglaterra) e a casa de Victor Hugo, em Paris (França).
Fundações de autores	A Fundação José Saramago, em Lisboa (Portugal); a Fundação Camilo José Cela, em Padrón (Espanha); a Fundação Eça de Queiroz, em Tormes (Portugal) e a Fundação Jorge Amado, em Salvador (Brasil).
Sepulturas de autores	A sepultura de Cervantes, na Igreja de S. Ildefonso, Mosteiro das Trinitárias Descalças, em Madrid (Espanha); a sepultura de Camões, no Mosteiro dos Jerónimos, em Lisboa (Portugal); a sepultura de Eça de Queiroz, em Santa Cruz do Douro, Baião (Portugal) e a sepultura de Oscar Wilde, no cemitério Père Lachaise, em Paris (França).
Locais de trabalho dos autores	A cave da Casa de Medrano, em Argamasilla de Alba (Espanha), onde Cervantes esteve encarcerado e se diz ter escrito parte de D. Quixote; o escritório de Pablo Neruda, na sua casa de Isla Negra (Chile); a casa de Eça de Queiroz, situada no n.º 32 da rue Charles Lafitte, em Paris (França), onde viveu num período que se diz de fecunda produção literária e o escritório de Goethe, na sua casa, em Weimar (Alemanha).
Locais frequentados por escritores	O Gran Hotel La Perla, em Pamplona (Espanha), onde Ernest Hemingway se hospedava; o Café les Deux Magots, em Paris (França), frequentado por autores como Jean-Paul Sartre e Simone de Beauvoir; o café Old Havana frequentado por Eça de Queiroz, em Havana (Cuba) e o café Martinho da Arcada, em Lisboa (Portugal), frequentado por Fernando Pessoa.
Locais de inspiração	O cemitério del Poblenou, em Barcelona (Espanha), um dos locais que terá inspirado Hans Christian Andersen a escrever Spanish travels; Top Withens, a quinta em Haworth (Inglaterra), que se diz ter inspirado a que é representada em Wuthering heights, de Emily Brontë e a casa da Torre da Lagariça, em Resende (Portugal), que inspirou Eça de Queiroz em A ilustre casa de Ramires.
Cenários de livros	Cartagena das Índias (Colômbia), cenário de Cem anos de solidão de Gabriel García Márquez; Dublin (Irlanda) cenário de Dublinesca de Enrique Vila-Matas; Leiria (Portugal), cenário de O crime do padre Amaro, de Eça de Queiroz e o Rio de Janeiro (Brasil), cenário de Dom Casmurro, de Machado de Assis.
Referências na paisagem a personagens	A placa que assinala o local de nascimento da personagem Leopold Bloom de Ulysses, de James Joyce, Dublin (Irlanda); a estátua da personagem do romance A Regenta, de Clarín, em Oviedo (Espanha); o graffiti de Padre Amaro e Amélia, na Rua Eça de Queiroz, em Leiria (Portugal) e a estátua alusiva à Pequena Sereia, de Hans-Christian Andersen, em Copenhaga (Dinamarca).
Referências na paisagem a escritores	O monumento dedicado a Miguel de Cervantes, em Madrid, (Espanha); a placa que assinala o lugar onde Camões terá falecido, na Calçada de Santana, em Lisboa (Portugal); a estátua de Eça de Queiroz, na Póvoa de Varzim (Portugal); a estátua de Oscar Wilde, em Dublin (Irlanda) e a estátua de Carlos Drummond de Andrade, no Rio de Janeiro (Brasil).
Parques literários	O parque temático Mundo de Astrid Lindgren, em Vimmerby (Suécia), onde é recriado o imaginário dos livros da autora, nomeadamente da popular personagem

Bairros literários	O Barrio de las Letras, em Madrid (Espanha); o Boston Literary District, em Boston (EUA) e o Iowa Literary Walk, em Iowa (EUA).
Bibliotecas de interesse turístico-literário	A Biblioteca Nacional de Espanha, em Madrid, onde se encontra depositada a primeira edição de Impresiones y paisajes, de Federico García Lorca; a Biblioteca Joanina, em Coimbra (Portugal), onde se encontra uma primeira edição d'Os Lusíadas, de Luís de Camões e a Gladstone's Library, em Hawarden (País de Gales), onde é possível pernoitar.
Livrarias de interesse turístico-literário	A Livraria Lello, no Porto (Portugal); a Livraria Bardon, em Madrid (Espanha); a Livraria El Ateneo, em Buenos Aires (Argentina); o Café-livraria El Péndulo, na Cidade do México (México), bem como todas as livrarias que são objeto do chamado bookstore tourism (visita a pequenas livrarias independentes).
Museus literários	O Malacca Literature Museum, em Malaca (Malásia); a Casa Museo de la Literatura, em Lima (Perú); o Dublin Writers Museum, em Dublin (Irlanda); o Koshinokuni Museum of Literature, em Toyama (Japão); o Literatuurmuseum, em Hagen (Holanda); o Museu Literário Petöfi, em

Fonte: Quinteiro e Baleiro (2017, pp. 55-56)

Por fim, chego àquilo que pode trazer mais concretude a lugares literários: itinerários. No entendimento das pesquisadoras Quinteiro e Baleiro (2017, p. 72), o itinerário, especialmente o literário, é construído a partir de inventariação e "criação de conexões que, resultando de um processo de seleção, integração e omissão (inerente a qualquer representação do espaço), dão forma ao produto final". Sendo assim, o itinerário literário vai além de um conjunto de pontos ordenados: tem a ver também com a valorização daqueles espaços e com a atribuição de sentidos a eles. Quanto às características dos itinerários (ver Tabela 3), podem ser de curta (poucas horas) ou normal (1 a 2 semanas) duração, podem ter um percurso linear (ponto de partida diferente do ponto de chegada) ou nodal (início e fim no mesmo ponto), podem ter uma dimensão local, regional ou nacional e, por fim, em termos de forma de deslocamento, podem ser feitos a pé, de carro, de trem, de navio ou mesmo de avião (QUINTEIRO, BALEIRO, 2017). Além disso, quando os pontos são dispostos em um mapa, isso acaba virando um instrumento de orientação aos visitantes (*ibid.*).

Tabela 3 - Características de um itinerário literário

Dimensão	Tipo percurso	Abrangência	Deslocação
Curta duração (não carece de alojamento, é realizada em poucas horas).	<i>Linear</i> (ponto de saída diverso do ponto de chegada)	Local	Pedestre
Duração normal (uma a duas semanas) Espaço físico e temporal mais amplo centrando-se, regra geral, em múltiplos autores e que, tendo a duração de vários dias, são enriquecidas com experiências artísticas, gastronómicas e de natureza.	<i>Nodal</i> (um mesmo ponto de saída e entrada)	Regional Nacional	Rodoviária Ferroviária Marítima Fluvial Aérea

Fonte: Amaral (2019, p. 38)

Ademais, ao ler textos sobre a temática do turismo literário, fica evidente que não há apenas um termo corrente que descreva esse "caminho e respetivo conjunto de locais de interesse a visitar" (QUINTEIRO, BALEIRO, 2017, p. 73). Os pesquisadores brasileiros Trentini (2021), Ribeiro (2021), Melo (2022) e Viñal Júnior *et al.* (2019) adotam *roteiro literário*. Já as pesquisadoras portuguesas Amaral (2019) e Quinteiro e Baleiro (2017) optam por *itinerário literário*, mas reconhecem outros usos, como *rota*, *caminho*, *passeio*, *tour* e *trajeto*. Ao longo desta monografia, eu adoto várias dessas possibilidades de nome, já que, no fim das contas, elas não apresentam significativa distinção teórica.

2.1.1 Exemplos de itinerários literários

A seguir, introduzo 3 exemplos de itinerários literários a pé: o I Caio F. Walking Tour, o Caminho da Poesia em Santiago e o O Rio de Clarice.

2.1.1.1 I Caio F. Walking Tour

No sábado de 30 de novembro de 2019, as instituições Minha Porto Alegre, GAPA/RS e Fórum ONG AIDS RS promoveram gratuitamente o *I Caio F. Walking Tour*, itinerário literário que teve como objetivo celebrar a história de vida e a obra do escritor Caio Fernando Abreu. Além disso, sob os holofotes do Dia Mundial de Combate à AIDS, o evento buscava fazer um alerta em relação ao crescente número de casos da doença no estado do Rio Grande do Sul. A página de divulgação no Facebook contou com a confirmação de 60 pessoas, sendo que outras 200 marcaram interesse em participar da ação (GAPA, 2019).

De acordo com uma matéria escrita por Cauê Fonseca (2019) para a GaúchaZH, o itinerário literário contou com 5 pontos de paragem relacionados à biografia de Caio Fernando, sendo eles (a princípio, em ordem de deslocamento): o Teatro de Arena, a Esquina Maldita, a Redenção, o antigo Cine Baltimore e o Bar Ocidente. Não obstante, havia a previsão de realização de uma nova edição do evento no ano seguinte, isto é, em 2020, incluindo novos pontos (no Menino Deus, por exemplo) e fazendo o deslocamento de bicicleta (FONSECA, 2019), mas não consegui localizar dados que confirmassem se isso se concretizou ou não. Na edição de 2019, o passeio foi feito a pé, envolveu os bairros Centro Histórico e Bom Fim e, segundo o evento no Facebook (GAPA, 2019), teve 3 horas de duração.

Figura 2 - Resumo das principais informações do I Caio F. Walking Tour

O quê? 1ª Caio Fernando Abreu Free Walking Tour
 Quando? Sábado, dia 30 de novembro, das 10:30 às 13:30 horas.
 Onde? Saída: Livraria Baleia - Chegada: Piperita Sabores Seleccionados.
 Por quê? Para celebrar a vida e a obra de Caio Fernando Abreu e para chamar a atenção para a gravidade da epidemia de Aids no RS.
 Realização: Minha Porto Alegre, Grupo de Apoio à Prevenção da AIDS (GAPA) e Fórum de ONGs Aids (RS).

Fonte: material de divulgação do GAPA/RS (2019)

Por fim, é importante notar que, conforme o relato de Flávia Cunha (2019), jornalista que fez o trajeto e deu seu testemunho em uma matéria para o Vós, o roteiro, sendo ele misto, abordou tanto a história de vida do escritor quanto a sua literatura. Além disso, ainda segundo ela (2019), a caminhada foi conduzida pela designer Elisa (ou Zi) Bonotto, mas também houve um momento de interação com Amanda Costa, amiga pessoal de Caio, na Livraria Baleia, que serviu de ponto de encontro, e uma leitura dramática de textos do autor feita pelos artistas Deborah Finocchiaro e Frank Jorge no Café Piperita Sabores Seleccionados, que serviu de ponto de encerramento.

Figura 3 - Participantes do evento em frente ao Teatro de Arena, ponto de paragem



Fonte: Fonseca (2019)

2.1.1.2 Caminho da Poesia em Santiago

Resolvi separar também uma proposta vinculada não exclusivamente, mas em grande medida, a Caio Fernando Abreu: estou falando de Caio na Memória Viva, projeto que contou com o financiamento do Governo do Estado do Rio Grande do Sul através da Secretaria da Cultura, com o apoio cultural da Associação Amigos do Caio Fernando Abreu (AACF), com

a execução de produtores e artistas e com a colaboração de parceiros, como a Casa do Poeta de Santiago/RS e o próprio município da cidade, e pesquisadores, como Luís Francisco Wasilewski, Israel de Castro Fritsch, Márcia Ivana de Lima e Silva e Heloisa Buarque de Holanda, além da participação especial de, entre outras pessoas, Luiz Arthur Nunes, amigo pessoal de Caio (VITOLA, 2022).

A ação em si tem 3 frentes: um site com o objetivo de aproximar leitores, fomentar o acesso à obra e à biografia de Caio Fernando Abreu e trazer visibilidade para Santiago, cidade natal do escritor; um sarau virtual (realizado em 20 de outubro de 2022, no dia do lançamento da página na internet); e um evento (realizado em 5 de novembro de 2022) envolvendo a realização presencial do itinerário literário Caminhos da Poesia em Santiago (VITOLA, 2022).

O último ponto é o que mais me interessa. Fotografias dos locais do roteiro realizado presencialmente em novembro de 2022 estão disponíveis digitalmente. Em um mapa interativo numerado do site do Caio na Memória Viva, é possível ir pulando de ponto em ponto e tendo acesso a fotos que dizem respeito a cada um dos pontos. Contudo, não há muitas informações disponíveis, nem no site do projeto nem em outros veículos digitais, o que dificulta, mas é sabido que o percurso contempla 6 paradas em Santiago, começando pela Estação do Conhecimento, passando pela Rua dos Poetas, pela Praça Moisés Viana, pelo Memorial da Poesia Contemporânea, pela Casa Caio e pelos Coqueiros Aracy (CMV, 2022; VITOLA, 2022).

Por fim, vale mencionar que, mais amplo, o projeto envolve não só Caio Fernando Abreu, mas também outros escritores de Santiago, reconhecida como Terra dos Poetas através de um projeto de lei de 2008. A alcunha se deve ao fato de que a cidade produziu um grande número de literatos (mais de 100 catalogados), com reconhecimento nacional, incluindo, entre outros, Aureliano de Figueiredo Pinto e Túlio Piva (FLÔRES, 2016).

2.1.1.3 *O Rio de Clarice*

Em visita a Itabira, município mineiro a cerca de 110km de Belo Horizonte, a professora Teresa Montero notou que placas espalhadas pela cidade ora davam conta de fatos da biografia do poeta Carlos Drummond de Andrade em sua terra natal, ora davam conta de apresentar um dos seus poemas. Isso foi provocação suficiente para que, inspirada pelo,

portanto, Museu de Território Caminhos Drummondianos⁸, ela criou, anos depois, em 2008, O Rio de Clarice. Pesquisadora da biografia de Clarice Lispector há mais de 30 anos, esse itinerário literário proposto por Teresa envolve o que ela chama de *7 caminhos clariceanos* (Tijuca, Centro, Botafogo, Catete, Cosme Velho, Jardim Botânico e Leme), isto é, a grosso modo, trajetos fechados estruturados dentro de bairros específicos da cidade do Rio de Janeiro que contemplam prédios, cinemas, parques, praias, hotéis, residências, padarias; enfim, todo o tipo de local a que a escritora costumava ir (MONTERO, 2018).

Os caminhos são realizados isoladamente (isto é, um por vez) e o *tour* é guiado pela própria professora Teresa, podendo ser feito a pé ou com a assistência de um micro-ônibus. Em 2018, tive a oportunidade de fazer o roteiro pelo bairro do Leme, onde Clarice Lispector viveu por muitos anos até a sua morte, em 1977. Foi uma experiência transformadora e que me conectou de um jeito especial à sua obra e às suas vivências. Tanto é verdade que, motivado pelo projeto, lembro de ter dedicado o ano de 2019 à leitura mensal de uma obra da ou sobre a escritora. Além dessa conexão com Lispector, uma das intenções de O Rio de Clarice é justamente criar uma oportunidade de conexão e de afeto com a própria cidade do Rio de Janeiro, o que pode, segundo Montero (2018), gerar uma consciência cidadã de cuidado e de valorização da história e da memória do local.

Aparentemente, o passeio não está mais sendo realizado, tendo em vista que o *site* e as redes sociais usadas para a divulgação de O Rio de Clarice estão todas fora do ar. Apesar disso, como a proposta foi transformada em livro em 2018 (*O Rio de Clarice: passeio afetivo pela cidade*, publicado pela editora Autêntica), há sempre a possibilidade de percorrer todos os caminhos clariceanos através das páginas, que contemplam a mesma linearidade do passeio feito cara a cara, os endereços dos locais, fotografias desses espaços e informações normalmente transmitidas pela professora Teresa Montero pessoalmente.

Inspirado nesses 3 itinerários, decidi elaborar o meu próprio a partir de uma relação de leitor e turista, experimentando um pouco da área de turismo literário, acompanhando ao mesmo tempo a produção de Caio Fernando Abreu e rastreando elementos de sua biografia.

⁸ Veja o site dos Caminhos Drummondianos: <https://fccda.com.br/novo/caminhos-drummondianos/>. Acesso em: 23 ago. 2023.

3 SOBRE CAIO EM PORTO ALEGRE

Nesta seção, redireciono os holofotes sobre a biografia de Caio Fernando Abreu. Para começar, apresento um (3.1) *Panorama geral* que abrange, ao menos superficialmente, os seus 47 anos de muitas idas e vindas. Na sequência, pensando no itinerário literário que está em jogo aqui, entro mais detidamente nos períodos em que o escritor viveu em Porto Alegre. Caio morou na cidade em vários momentos da sua vida — às vezes, por poucos meses; às vezes, por anos. Por isso, dividi essas experiências na capital em 3 fases: o (3.2) *Êxodo (1964-1968)*, que engloba desde a saída de Santiago até o trancamento da graduação; o (3.3) *Nomadismo (1969-1993)*, que compreende o intervalo de tempo em que vai e volta de POA muitas vezes, tanto como visitante quanto como morador; e a (3.4) *Jardinagem (1994-1996)*, época em que, após ter sido diagnosticado com HIV/Aids, passa a morar na casa dos pais, hoje destruída, apesar do movimento de protesto pela preservação da memória do escritor.

3.1 PANORAMA GERAL

Caio Fernando Abreu nasce Caio Fernando de Loureiro Abreu sob o sol do signo de virgem em 12 de setembro de 1948, na cidade de Santiago, no interior do Rio Grande do Sul. Filho mais velho do militar Zaél Menezes Abreu e da professora Nair Loureiro de Abreu e irmão de José Cláudio, Luis Felipe, Márcia e Cláudia (CMV, 2022), anos depois, sob a alcunha de Caio F., inspirado pelo livro *best-seller* e filme homônimo *Christiane F. Eu, Christiane F., 13 anos, drogada e prostituída*, se tornaria um reconhecido escritor, dramaturgo, jornalista, tradutor, roteirista e ator brasileiro.

Segundo relatos trazidos por Callegari (2008) e Dip (2009), a infância de Caio F. no interior foi tranquila. Vivia cercado pela natureza, o que lhe agradava muito; ia muito ao cinema, visita os avós em Itaqui, na região de fronteira com a Argentina; entrava com os amigos em brincadeiras que envolviam confabulação e inventava suas primeiras histórias. Em 1964, aos 16 anos, se muda para a capital, Porto Alegre, para concluir a educação básica. Se forma e ingressa na Universidade Federal do Rio Grande do Sul para cursar Letras. A partir daí, vive várias das suas primeiras experiências: os primeiros trabalhos como jornalista (fazendo crítica de cinema para o jornal *Correio do Povo* [DIP, 2009]), as primeiras publicações literárias (como o conto *O príncipe sapo*), os primeiros relacionamentos

amorosos, os primeiros embates com a dura vida adulta... é também em Porto Alegre que cria conexões que depois abririam portas para ele no teatro.

Já na década de 1970, tem início a vida "nômade" de Caio⁹. Se muda para São Paulo para trabalhar na revista *Veja*. Depois, demitido e no radar do DOPS, mora um tempo na Casa do Sol, da escritora Hilda Hilst, em Campinas. A convite da mãe de Lúcio Cardoso, passa a morar em Ipanema, bairro nobre do Rio de Janeiro, e tem como aposento o próprio antigo quarto do escritor. E assim vai indo: volta para Porto Alegre para concluir os estudos, mas logo desiste da ideia; retorna ao Rio para viver numa espécie de comunidade *hippie* em Santa Teresa e vem de novo para POA, quando começa a trabalhar na Zero Hora, antes de ir passar um tempo em vários países da Europa (LIMA E SILVA, 2016). No início da década, Caio publica livros que vinham sendo confeccionados já há alguns anos (respectivamente: *Inventário do irremediável*, *Limite branco* e *O ovo apunhalado*) e participa, neste início da carreira, em antologias com outros escritores gaúchos (como *Roda de fogo: 12 gaúchos contam*, *Caderno de Contos e Poesia*, *Assim escrevem os gaúchos* e *Teia*, entre outras). Dá também seus primeiros passos no teatro, investindo tanto na atuação quanto na dramaturgia, e no jornalismo, contribuindo para veículos grandes, como Zero Hora e o Suplemento Literário de Minas Gerais, e pequenos, como Opinião, Inéditos e Paralelo, jornais críticos à ditadura (ABREU, 2005a, 2005b, 2006).

Na década de 1980, Caio se torna consagrado nacionalmente e passa a ser reconhecido entre seus pares como um bom escritor. Isso se dá sobretudo a partir da publicação de *Morangos mofados* em 1982, livro de contos urbano escrito entre São Paulo, Rio e POA e que traz temas como homossexualidade, solidão e repressão política. É também o início da epidemia de HIV/Aids no Brasil, assunto pelo qual Caio Fernando de certa forma ficou obcecado, tendo aparecido na novela *Pela noite*, do livro *Triângulo das águas*, de 1983 (MORAES, 2008). Nos anos que se seguiram, Caio perdeu muitos amigos para a doença, entre eles Cazuzu (CALLEGARI, 2008; DIP, 2009). Em termos de moradia, percebe-se nos anos 1980 uma maior fixidez: exceto por um curto período morando entre Rio e POA entre 1983 e 1984, passa praticamente toda a década em São Paulo, de 1978 a 1990.

⁹ De acordo com Lima e Silva (2016, p. 13), há em Caio Fernando Abreu "um sentimento de deslocamento em relação a todos os lugares". De fato, isso se confirma com outras leituras (DIP, 2009; CALLEGARI, 2008). Por mais que, a princípio, Caio se deslumbre com as cidades por que passa, logo acaba surgindo um descontentamento, uma solidão, uma urgência de mudança. A autora (2016) acredita que só a literatura sobreviveu a essa insatisfação geral e que o autor tirava das cidades o material necessário para produzir histórias.

Por fim, a década de 1990 é marcada principalmente pela internacionalização da sua obra. *Onde andar*á Dulce Veiga, por exemplo, é publicado em italiano, alemão, francês e, posteriormente, inglês (DIP, 2009). Além disso, se dedica também a traduzir textos, tendo trabalhado no livro *Assim vivemos agora*, de Susan Sontag, e à reedição dos seus livros, por, segundo Callegari (2008), receio de que mexessem na sua obra postumamente. Em 1992, tem a oportunidade ímpar de viver na Maison des Écrivains Étrangers, uma espécie de colônia para escritores na costa oeste da França. Lá, se dedica em tempo integral à escrita e recebe financiamento para tal. Callegari (2008, p. 156) afirma que Caio pensava que "todo escritor deveria ter aquelas condições para escrever". Em 1995, o nome de Caio Fernando Abreu figura na antologia *The Penguin Book of International Gay Writing* com o conto *Linda, uma história horrível* (CMV, 2022; IEL, 1995), em que há um narrador cheio de dedos para contar à mãe não só que é homossexual como que é portador do vírus HIV. Falece em 1996.

Nas subseções a seguir, falo mais detidamente dos períodos em que Caio Fernando Abreu esteve especificamente em Porto Alegre. Dividi em 3 fases: *Êxodo*, *Nomadismo* e *Jardinagem*. A partir das informações apresentadas a seguir, vai chegar a hora de reunir tudo numa proposta de itinerário literário a pé.

3.2 FASE 1: ÊXODO (1964-1968)

E as pessoas que passam por mim não saberão jamais que nasci em Santiago do Boqueirão e um dia fui estudar em Porto Alegre, que eu era tímido e agressivo, porque me achava horroroso com aquele bigodinho precoce (hoje, querem pintar retratos, me acham parecido com Cristo, dizem que tenho olhos lindos!). Acho graça, acho muita graça. Tão estranho carregar uma vida inteira no corpo, e ninguém suspeitar dos traumas, das quedas, dos medos, dos choros.¹⁰

Apesar de Santiago ter encarado um rápido progresso a partir dos anos 1950, isto é, durante a infância e a pré-adolescência de Caio, com desenvolvimento de meios de comunicação, como telefonia e rádio; execução de importantes obras, como hospital e biblioteca municipal; expansão da rede de ensino e aumento da população (FLÔRES, 2016), Caio e sua família chegam ao acordo de que seria melhor que o garoto mudasse para a capital, Porto Alegre, para ingressar e concluir sua educação básica. Naquela época, é provável que Caio nem imaginasse que, anos depois, sua terra natal o homenagearia com, por exemplo, a

¹⁰ Citado por Dip (2009).

construção do Auditório Caio Fernando Abreu, vinculado à Câmara de Vereadores do município.

Caio Fernando Abreu chega a Porto Alegre, portanto, em 1964, aos 16 anos de idade, no mesmo período em que os militares instauram um golpe de Estado e tomam o poder do país. Como mencionado, o principal motivo para a mudança é a busca por uma educação de qualidade. Passa a estudar no IPA, tradicional escola particular localizada nas imediações do bairro Rio Branco, na Zona Norte de POA. Inicialmente, reside no internato da instituição e é justamente daí que vem aquele que talvez seja o seu primeiro relato *in loco* da cidade de Porto Alegre: em carta aos pais de 10 de março (MORICONI, 2002; CALLEGARI, 2008), reclama que se sente muito só, que não fez amigos no colégio e que os professores são rudes e diz que o que mais quer fazer é ir embora. Anos após o seu falecimento, a irmã Claudia diz, em depoimento à Paula Dip (2009, p. 430), que "Caio foi procurar longe daqui o que sempre esteve em casa, bem perto dele"; entendo que ela estivesse se referindo à companhia da família, à paisagem e ao modo de vida tanto de Santiago quanto de Porto Alegre.

Nesse ponto, considero fazer um comentário a respeito da relação de Caio Fernando Abreu com o Rio Grande do Sul. Como será visto na seção a seguir, Caio vai e volta ao RS (e a POA, mais especificamente) durante toda a sua vida; então, por mais que ele tivesse o ímpeto de explorar novos lugares para visitar ou morar, ele sempre acabava retornando às suas origens. Suponho que Caio não se identificasse com o lado mais conservador do tradicionalismo gaúcho, mas definitivamente ele próprio incorporava um pouco da cultura gaúcha e reconhecia o lugar de onde vinha, a ponto de mais para frente dizer que, mesmo viajando o mundo, nunca saiu de Santiago. Quando em São Paulo, sentia falta da paisagem santiaguense, do interior, da natureza. Quando em Londres, se unia a outros gaúchos para tomar chimarrão. Quando viu a amiga Ana Cristina Cesar vivendo um episódio de depressão, recomendou a ela a terapia a que ele deu o nome de "fala grosso, veado", que basicamente consistia em incorporar o estereótipo do gaúcho do interior que não se abala com nada: "[...] somos mais por uma terapia bageense, tipo te fresqueia, prenda, come uma costela gorda, toma uns mates, dança uma chula, uma tirana do lenço, te joga nua no açude na hora da sesta. Porque tá uma crise sensível demais, dá pra entender?" (CALLEGARI, 2008, p. 102).

Enfim, por mais que as primeiras impressões da cidade não sejam, digamos, das melhores, Caio persiste e as coisas vão se assentando. Numa outra carta enviada aos pais, o teor já é outro: menciona que está mais otimista e esperançoso. Passa a morar no Hotel

Uruguai, no Centro Histórico, e depois se muda finalmente para a pensão de D. Maria, também na região central, que ficava próxima à Cinemateca Capitólio. Logo em seguida, em 1965, o amigo Ruy, também santiaguense, passa a dividir o quarto com ele, o que com certeza contribuiu para que ele se sentisse um pouco mais em casa. Nesse mesmo prédio da Avenida Borges de Medeiros, morava o escritor Manoelito Ornellas, de uma geração anterior, e ele é uma figura importante para os primeiros passos de Caio como escritor e jornalista.

Falando em primeiras vezes, é também em torno dessa época que Caio Fernando Abreu tem sua primeira experiência homossexual. Ocorreu aos 16 anos e se deu a partir do contato com um homem que o abordou na rua num domingo à noite, segundo conta em entrevista de 1995 à revista *Marie Claire* (CALLEGARI, 2008, p. 97). Os dois marcam de se encontrar dentro de alguns dias (na Casa de Luísa Felpuda¹¹, supõe Callegari [2008]). Curioso, Caio vai ao local, mas a experiência é assustadora e não parece ser boa, já que, conforme o relato dele trazido por Callegari (2008), ele sai correndo, frente à total falta de romantismo da situação, às atitudes do companheiro e ao lugar escolhido.

Isso abre espaço para falar sobre a sexualidade de Caio, tema que volta e meia sempre acaba retornando e sendo discutido. Ao ler as biografias de Callegari (2008) e Dip (2009) e ao ter acesso aos próprios relatos do escritor, parece ficar evidente que ele tinha uma preferência por se relacionar amorosamente e sexualmente com outros homens. No entanto, são vários os depoimentos pessoais e de amigos que afirmam que Caio se relacionava também com mulheres, o que abre margem para pensar que Caio vivia uma sexualidade mais fluida, oscilando entre bissexualidade, pansexualidade ou algo que foge de caixinhas preestabelecidas. Não obstante, a sexualidade de Caio pode ser lida e discutida a partir de várias chaves, na verdade, indo além da questão de se relacionar com mulheres: a presença do que parece ser uma homofobia internalizada, concretizada em relatos em que ele se queixa da homossexualidade e se refere a ela como uma espécie de castigo; a presença de atos autodestrutivos que parecem advir da cis-heteronormatividade que rege a nossa sociedade e as nossas relações e nos empurra para a margem, concretizada, talvez, nos inúmeros casos que Caio desenvolvia com outros rapazes, praticamente todos eles fugazes e pouco duradouros, o que parecia ser um padrão que se repetia em sua vida e o chateava; a vivência *no meio*¹² e a

¹¹ Sobre Luísa Felpuda, importante personagem na vida de Caio Fernando Abreu, ver (4) *Proposta de passeio*.

¹² Para muitos de nós, pessoas LGBTQIAPN+, fazer parte ou estar inserido no meio significa circular em espaços *lgbt-friendly* e ter trocas com outros indivíduos LGBTQIAPN+. É viver experiências dentro da comunidade, fora da cis-heteronormatividade.

possibilidade de expressão da sua sexualidade, concretizadas no humor *queer* mencionado por amigos que conviveram com ele e, acima de tudo, nas suas obras, que sempre trouxeram assuntos relacionados a experiências homossexuais; o seu não envolvimento direto com o *movimento gay* da época, concretizado por ele na ideia de que não acreditava que as mudanças acontecessem no coletivo (paradoxalmente, talvez mesmo sem querer e só estar vivendo sua verdade, é inegável a contribuição e o legado que Caio F. deixou para o movimento LGBTQIAPN+, principalmente se pensarmos que ele viveu o período conservador e repressivo da ditadura militar e, mesmo assim, era assumidamente *queer* e que ele foi vítima da Aids e fez de tudo para trazer mais conscientização e mitigar o preconceito envolvendo a doença).

De volta à trajetória de Caio, termina, então, os seus estudos no IPA em 1966. Em seguida, passa no vestibular da UFRGS para o curso de Letras. Inicia a graduação em 1967. Naquela época, tinha aulas no que hoje é o Anexo III da Reitoria, no Campus Central, pois o Campus do Vale, atual sede do Instituto de Letras, só seria inaugurado na década seguinte. Seus amigos da época são Maria Lídia Magliani, a primeira mulher negra a se formar no Instituto de Artes, e João Gilberto Noll, que também acabou virando romancista. É nessa época que publica o seu primeiro conto, intitulado *O príncipe sapo*, na revista *Claudia*, e participa de coletâneas com outros escritores, sobretudo escritores gaúchos, muitos deles também iniciantes. Trabalha também na escrita dos contos que vão compor *Inventário do irremediável*, que levou 5 anos para ser finalizado e publicado. Seu início como escritor, portanto, é marcado por publicações esporádicas de histórias curtas e sem apoio financeiro.

Quando entra para a universidade, se aproxima de estudantes do antigo Centro de Arte Dramática da UFRGS, o que o leva a tentar entrar no curso de Direção Teatral da UFRGS, e consegue. Lá, constrói amizades que seriam importantes para a sua trajetória, como o diretor Luiz Arthur Nunes. Dip (2009) afirma que Caio conciliava os dois cursos ao mesmo tempo: durante o dia, tinha aula de Letras e, à noite, de Teatro, mas Callegari (2008) vai dizer que ele se desliga do curso de Letras para seguir fazendo Teatro. No fim das contas, Caio não finaliza nenhuma das formações, sobretudo porque participa, em 1968, de um processo de seleção para ingressar na equipe editorial do primeiro número da revista *Veja*.

A partir da mudança de Caio para São Paulo no início de 1969, se inicia um período da sua vida de muitas idas e vindas entre lugares. Nos 25 anos que se seguem antes de voltar definitivamente a Porto Alegre em 1994, Caio vive em São Paulo, Rio, Londres, Estocolmo e

visita um punhado de outras cidades, mas sempre acaba voltando a POA, tanto por alguns dias, por uma curta temporada ou para morar e se estabelecer.

3.3 FASE 2: NOMADISMO (1969-1993)

*Decidi aceitar meu ser nômade, até segunda ordem.*¹³

O período que estou chamando de *Nomadismo* envolve a maior parte da vida adulta de Caio e compreende os anos de 1969, quando se muda para São Paulo para trabalhar na Veja, a 1993, quando decide retornar a Porto Alegre e viver com os pais no Menino Deus. Essa fase é fortemente marcada por uma grande rotatividade em termos de moradia: vive poucos meses num lugar e se muda; tenta a vida noutra; retorna ao ponto de partida; se cansa; e assim vai indo. No que diz respeito a morar em Porto Alegre, é sabido que, em resumo (CALLEGARI, 2008; DIP, 2009), Caio passa 4 meses em POA em 1969; depois, vai para o Rio e retorna à capital gaúcha, ficando até o fim de 1970; na sequência, se mantém aqui de 1971 a abril de 1973, quando embarca para a Europa; vencida a experiência no exterior, vive aproximadamente 4 anos em POA (entre 1974 e 1978), o que representa o período mais longo passado na cidade dentro do *Nomadismo*; daí se sucede um tempinho porto-alegrense em 1983 e um outro tempinho só 10 anos depois, em 1993, após voltar da França. No meio desses períodos de residência entrecortados, há também as visitas à cidade de Porto Alegre, sendo o Natal de 1991 um exemplo disso (MORICONI, 2002). No Apêndice A, apresento um esquema que montei com base em Moriconi (2002), Callegari (2008) e Dip (2009) e que relaciona o ano de vida do autor com o local de moradia.

Após a fase *Êxodo*, a cidade de Porto Alegre volta a figurar como cenário da biografia de Caio Fernando Abreu pouco tempo após ter se mudado para São Paulo, em março de 1968. No ano seguinte à ida para SP, os seus pais fazem a transição de Santiago para a capital, pois a mãe de Caio, Nair, decide fazer pós-graduação em filosofia. Nesse meio tempo, o trabalho na revista *Veja* não dá certo e, depois de descobrir que oficiais do DOPS estavam atrás dele, Caio decide passar um tempo no interior de São Paulo, na casa da amiga Hilda Hilst, que o aconselha a voltar a Porto Alegre para concluir a graduação. Em 1969, portanto, Caio está de volta à cidade. Segundo Callegari (2008, p. 47), o retorno lhe faz bem:

¹³ Citado por Moriconi (2002).

Para Caio, voltar a Porto Alegre foi uma beleza: o céu azul, os morros, o verde das árvores. ele amou Porto Alegre em tudo que ela era diferente de São Paulo: sem asfalto, sem loucuras; sem porralouquismos também. As pessoas doces, calmas; o sotaque familiar: o "tu". E o melhor: não ter que levantar cedo para trabalhar, nem sair de casa para comer. A mãe faz pós-graduação em Filosofia; o pai lê romances de Norman Mailer. O quarto de Caio é cor-de-rosa, os móveis são convencionais, sóbrios, os irmãos pequenos vêem televisão na sala.

Logo já começa a ficar agoniado com a calmaria, porque quer estar onde tudo acontece. Depois de um curto período morando em Ipanema, no apartamento da mãe do escritor Lúcio Cardoso; de se envolver em uma briga com o marido de Hilda Hilst na Casa do Sol e de tentar se restabelecer no Rio com alguns amigos *hippies* e viver de artesanato, Caio volta para Porto Alegre (CALLEGARI, 2008). É o início da década de 1970. Essa estadia dura aproximadamente 1 ano e é marcada por, entre outros eventos, o encontro cara a cara com a sua musa, Clarice Lispector¹⁴; a abertura para experiências com psicotrópicos e a publicação do seu primeiro livro de contos: *Inventário do irremediável* (*ibid.*).

Vai embora da cidade novamente, mas, com a mesma velocidade com que a deixa, retorna, em 1971. Nessa época, começa a trabalhar como copidesque para o jornal Zero Hora com o intuito de juntar dinheiro para ir para a Europa, assim como vinham fazendo outras pessoas fartas do clima da ditadura militar pós-AI-5, seja compulsoriamente ou por escolha, a exemplo de grandes nomes como Caetano Veloso, Gilberto Gil e Chico Buarque. Além do ofício jornalístico, escreve *O ovo apunhalado*. Embora já tenha tido uma experiência negativa vivendo "em comunidade" em Botafogo, no Rio, Caio ainda crê no estilo de vida *hippie* e embarca para a Europa em abril de 1973. Com isso, visita várias cidades e vive em Estocolmo primeiramente e também em Londres (CALLEGARI, 2008; DIP, 2009).

A jornalista Jeanne Callegari (2008, p. 71) afirma em seu livro que, no espelho do quarto de Caio na casa dos pais, ele escreveu o seguinte dizer depois de voltar da Europa para Porto Alegre em 1974: "Tá certo que o sonho acabou, mas também não precisa virar pesadelo, não é?". Isso pode estar relacionado ao fato de que o escritor viveu tanto o momento de maior liberdade e progresso dos anos 1960 quanto os sombrios anos de repressão da ditadura militar. Por exemplo, nessa época, recebe orientações do Suplemento Literário de Minas Gerais de que só poderia ter contos publicados se eles não incluísse palavras como "merda" e "tesão" (*ibid.*), o que configurava um ambiente de claustrofobia e censura.

¹⁴ Para obter mais detalhes, ver o capítulo (4) *Proposta de passeio*.

Nesse meio tempo, então, se dedica com força ao trabalho com jornalismo, que executava apenas com fins de se manter financeiramente, conforme afirma Callegari (2008, p. 72): "Escrever na imprensa era parte daquilo que ele chamava de 'biscates culturais'". Trabalhava como resenhista, crítico, tradutor, revisor, oficineiro... basicamente, qualquer coisa que o mantivesse com dinheiro suficiente para escrever literatura. Nesse período, contribui para diversos veículos da chamada imprensa nanica¹⁵ e, já tendo certo reconhecimento, começa a ser visto como uma espécie de porta-voz da sua geração, famosa pelo *slogan* "sexo, drogas e rock 'n' roll", o que, ao que tudo indica, não fora planejado: "Acontece que não sou [porta-voz] e não quero assumir esse papel porque – estou usando o máximo de, desculpem, sinceridade – não sirvo nem pra porta-voz de mim mesmo." (citado por Callegari [2008, p. 73]). Penso que Caio foi se tornando um símbolo organicamente, pois, sem intenção, foi apenas vivendo a sua verdade e relatando na literatura e no jornalismo. Sobretudo quando vejo relatos que demonstram que ele próprio não tinha o ímpeto de ser ativamente engajado, nem no movimento *gay* da época nem no pela democracia.

Nesses quase 4 anos morando em Porto Alegre, entre 1974 e 1978, Caio também se reaproxima com o teatro e passa a ter ligação com o grupo Província. Quando divide apartamento na Jerônimo Coelho com o amigo e dramaturgo Luiz Arthur Nunes, egresso do curso de Arte Dramática da UFRGS, trabalham juntos na elaboração da peça *Sarau das 9 às 11*. Caio trabalha também em cima dos palcos, como mostra a figura a seguir. A princípio, tudo ia bem com o trabalho como jornalista, escritor e dramaturgo, mas novamente lhe bateu uma ânsia por mais movimento. Resultado: retorna a São Paulo (CALLEGARI, 2008).

Enfim, motivado pelo teatro e pelo ex-namorado Ivan Mattos, que estava, à época, trabalhando na peça *Pode ser que seja só o leiteiro lá fora*, escrita por Abreu, Caio dá uma passada por Porto Alegre em 1983, mas logo retorna a SP. Antes da sua vinda definitiva em 1994, Caio faz mais uma rápida passada pela capital gaúcha: voltando do período em que passa na França, vem ter uma consulta odontológica com a irmã Cláudia em 1992. E, com isso, se encerra o período nômade, dando espaço para a fase seguinte: de dedicação ao jardim da casa dos pais, no Menino Deus, entre 1994 e 1996.

¹⁵ Dá para dizer que Caio é *avant-garde* nesse sentido: embora estivesse em POA, colabora com jornais também de outros estados por correio, o que de certa forma se assemelha à corrente possibilidade de trabalho remoto dos dias de hoje, que aumentou exponencialmente após a pandemia de covid-19.

Figura 4 - Caio atuando na capital gaúcha nos anos 1970



Fonte: Dip (2009, p. 322)

3.4 FASE 3: JARDINAGEM (1994-1996)

Era tempo de Caio realizar um sonho: voltar ao Rio Grande do Sul. Voltar a Porto Alegre, para a casa dos pais. Plantar roseiras, ter uma vida tranquila. Voltar às raízes. Afinal, tinha sido no Rio Grande do Sul que tudo tinha começado.¹⁶

Muitas podem ter sido as razões que levaram Caio a escolher a cidade de Porto Alegre e o estado do Rio Grande do Sul como seu último ponto de paragem, como num roteiro literário: a (re)aproximação com a família, que vivia no bairro Menino Deus desde 1969; a (re)aproximação com a natureza, elemento que lhe era tão caro, que trazia consigo desde a infância em Santiago e que o fazia de certa forma desprezar a concretude de São Paulo, por exemplo; a oportunidade de poder olhar com dedicação praticamente exclusiva para o seu projeto literário, projeto este que talvez realmente tenha tomado como missão de vida...

Antes de retornar à casa dos pais definitivamente em 1994, a última vez que havia morado em Porto Alegre por um período de tempo mais considerável tinha sido há aproximadamente 20 anos atrás, quando viveu aproximadamente 4 anos na cidade (naquela época em que viveu um pouco com os pais, depois dividiu apartamento com Luiz no Centro

¹⁶ Callegari (2008).

Histórico e, por fim, se mudou para viver em "comunidade" no Jardim Botânico). O fato é que em 1994 Caio F. volta a POA e fica na cidade até o seu falecimento, em fevereiro de 1996.

O acontecimento que o fez abandonar a sua residência mais fixa em São Paulo nos últimos anos foi o diagnóstico positivo de Aids que recebera ainda em 1994. Já há alguns anos Caio vinha apresentando sinais "estranhos", como gripes prolongadas e marcas na pele, até que, enfim, resolveu fazer também ele O Teste, isto é, o teste de HIV, que tanto evitava. Tendo em vista a evolução da doença em 1994, é provável que Caio já estivesse contaminado com o vírus HIV há pelo menos 10 anos, segundo médicos que cuidaram dele.

Diante do diagnóstico, teve a oportunidade de realizar o que para ele era um sonho: "Voltar a Porto Alegre, para a casa dos pais. Plantar roseiras, ter uma vida tranquila. Voltar às raízes. Afinal, tinha sido no Rio Grande do Sul que tudo tinha começado." (CALLEGARI, 2008, p. 15). A irmã Claudia, em conversa com Paula Dip (2009), apresenta a hipótese de que Caio foi buscar longe o que sempre teve por perto em casa. E, olhando para a biografia de Caio em retrospecto, é impossível dizer que não alçou voos longínquos: morou no Rio, em São Paulo, em POA, em diversas cidades na Europa; visitou mais umas tantas, de Santiago a Recife; publicou traduções; trabalhou para muitos jornais e revistas, muitos deles de grande renome, como O Estado de S. Paulo e a Folha de S. Paulo.

Nos seus últimos anos, Caio ainda se comprometeu com a tarefa heroica de desmistificar a Aids, falar sobre o assunto, naturalizá-la, conscientizar as pessoas a respeito, diminuir o preconceito que envolvia a doença. Isso numa época em que a Aids era motivo de especulação, de projeção de perversidade e promiscuidade, de relação com a homossexualidade. Na Praça da Alfândega, em Porto Alegre, logo depois que publica a última *Carta para além dos muros*, em que publiciza o seu diagnóstico com seus leitores, Caio é vítima de sorofobia, por exemplo. Nesse sentido, é interessante pensar que as biógrafas Dip e Callegari, ambas, mencionam que Caio Fernando nunca se engajou seriamente com uma causa, mas, ainda assim, à sua maneira, abriu tantos caminhos para a comunidade LGBTQIAPN+, para as pessoas soropositivas e para o movimento pela democracia; sobretudo por meio da sua literatura, que trazia todos esses temas.

Outra missão que toma para si é a de cuidar do jardim da casa dos pais, no Menino Deus. Planta mudas de muitas flores, como girassóis, e em cartas relata a dificuldade de manter a plantação saudável, de eliminar as pragas e de colocar a mão na terra e mostra como realmente levava com afinco duas tarefas: a de escrever e a de cuidar do jardim.

Por falar em escrita, durante 1994 e 1996, Caio se dedica enormemente ao seu projeto literário. Volta a diversas obras suas, como *Triângulo das águas*, *Morangos mofados* e *Inventário do ir-remediável*, fazendo ajustes e adaptações pertinentes. Também trabalha com a tradução de obras estrangeiras, como Susan Sontag e I Ching. Investe na internacionalização da sua obra, dialogando com tradutores interessados em trazerem às suas culturas de origem a obra rica de Caio Fernando Abreu e participando de eventos literários e lançamentos em outros países. É também o período em que organiza *Ovelhas negras*, seu último lançamento, que traz textos escritos por ele desde 1962 até 1996; são obras engavetadas, textos que acabaram não entrando em outras antologias suas, mas que mereciam publicação. Foi um período de muito trabalho e de cuidado também com o seu jardim literário, composto por uma diversidade de textos, indo da crônica ao romance, à dramaturgia, ao jornalismo, ao conto, ao poema, à canção.

O período de jardinagem também é marcado pela luta contra a doença que o acometera. É o período de idas e vindas entre hospitais, clínicas e médicos. É o período de testar muitos medicamentos diferentes, já que não havia ainda um tratamento específico para Aids, nem o famoso coquetel, que seria lançado pouco tempo após a sua morte, então as pessoas se valiam de tudo o que era possível, como mostra *Primeiros soldados*, filme do diretor brasileiro Rodrigo de Oliveira. Nisso entram relatos como o do taxista e também escritor Mauro Castro, quem levava Caio aos lugares a que precisava ir. Segundo ele, houve um episódio em que a editora responsável pela publicação de *Ovelhas negras* expôs o livro em um grande *outdoor* próximo à Avenida Ipiranga, importante via da capital. Quando pediu a ele que o levasse até o local. Chegando lá, desaprova, dizendo que livro não é sabão em pó.

Callegari (2008) pontua que Caio acreditava não ter reconhecimento, o que pode ser interpretado na chave do puro drama. A verdade é que Caio foi um daqueles poucos escritores que têm o privilégio de serem reconhecidos ainda em vida. Por mais que precisasse se dividir com o trabalho como jornalista, coisa de que não gostava, Caio teve uma obra consistente e produtiva. Estabeleceu relações importantes e tinha contatos com quem contar. Foi amigo de grandes nomes, como Cazuza, Adriana Calcanhotto, Ney Matogrosso, da música brasileira; de Erico Verissimo, Manoelito Ornellas, Clarice Lispector, a mãe de Lúcio Cardoso, da literatura. Tudo isso foi se fazendo aos poucos, de maneira orgânica, ao longo de toda a sua carreira, que, verdade seja dita, começou em Porto Alegre, com as primeiras publicações, tanto através de editora quanto independentemente com suporte do mimeógrafo, com os

primeiros trabalhos como ator, com os primeiros trabalhos como jornalista para o jornal Correio do Povo. Era chamado para dar palestras, cursos e entrevistas.

No entanto, Caio se chateava, e com razão, pela *fama instantânea* que adquiriu assim que publicizou que era portador do vírus HIV. "Por conta da doença" (assim parecia soar, pelo menos), foi ao Jô, ao Globo Repórter, programas com grande audiência; foi a eventos médicos, como um organizado por Drauzio Varella. Assim, assumiu publicamente o compromisso de esclarecer a recente epidemia de HIV.

A seguir, descrevo os movimentos incluídos no passeio que procurei montar a partir desses dados com o objetivo de aproximar as novas gerações desse escritor tão importante para a cidade de Porto Alegre.

4 PROPOSTA DE PASSEIO

Uma vez introduzidas (e valendo-se de) algumas informações acerca do campo do turismo literário e da biografia de Caio Fernando Abreu, é chegada a hora de finalmente guiar meus leitores a esta seção, em que apresento a proposta de roteiro literário à pé por Porto Alegre. Em (4.1) *Mapa do itinerário*, trago uma visão geral do passeio e do método de elaboração dele, incluindo dados que o definem e o situam em relação à duração, à extensão, à forma de deslocamento, ao valor e aos critérios adotados para selecionar os locais do *tour*. Depois, por fim, em (4.2) *Pontos e histórias*, disponho cada um dos pontos de paragem escolhidos, cujas descrições se concretizam com breve contextualização histórico-espacial e conectadas a acontecimentos concernentes às vivências de Caio F.

4.1 MAPA DO ITINERÁRIO

O processo de maturação de uma ideia é mesmo curioso e, não raro, imprevisível. Recapitulando o passado, eu diria que é provável que o *walking tour* que proponho aqui tenha começado a se elaborar inconscientemente na minha cabeça em dezembro de 2018, no primeiro ano da graduação. Naquela época, tive a oportunidade, a honra e o privilégio de fazer o roteiro de *O Rio de Clarice* pelo bairro do Leme, na Cidade Maravilhosa, onde a famosa escritora nordestina nascida na Ucrânia viveu por muitos anos. Idealizado, como já mencionei anteriormente, pela professora Teresa Montero, biógrafa de Clarice Lispector, o passeio me impactou profundamente e a empolgação que senti naquelas aproximadamente 2 horas de caminhada seguiu trabalhando e ressoando dentro de mim.

Através dessa experiência turístico-literária, pude descobrir mais sobre o Rio, sobre a obra da escritora e, acima de tudo, sobre a sua biografia. Lembro de passar pela banca do Seu Zé, onde ela comprava jornal; pelo atual Carioca Fruit, mercearia onde fazia compras e onde foi fotografada com o filho Paulo para o *Jornal do Brasil*; e pelo Hotel Luxor Continental, onde, a poucos passos de casa, se isolava por alguns dias (MONTERO, 2018, pp. 96-154). Na ocasião, com a permissão de adentrar um dos edifícios em que Lispector morou, também pude ir até a porta do seu antigo apartamento e, com os meus próprios olhos, ter uma ideia de como

era a vista da janela da sua cozinha, que dava para o Morro da Babilônia, o qual, por sua vez, remete a professora Teresa (2018, p. 139) à crônica *Mineirinho*¹⁷.

Definitivamente, a experiência de participar do roteiro literário sobre Clarice me marcou profundamente e, por acreditar que eu poderia impactar outras pessoas e aproximar umas quantas outras à literatura, à cultura e à história, estou propondo o meu próprio itinerário. A escolha por Caio não é em vão: por mais que não participasse ativamente de uma militância LGBTQIAPN+, ele abriu muitas portas e, com muita naturalidade, falou de temas que afligem pessoas da comunidade, servindo de inspiração. Sendo assim, se o primeiro passo foi mais inconsciente, isto é, a participação em *O Rio de Clarice* seguir trabalhando dentro de mim, o segundo passo foi consciente: buscar, ora, outras propostas de passeio, de modo a ter referência e inspiração para montar o meu próprio. Foi assim que encontrei o *I Caio F. Walking Tour* e o *O Caminho da Poesia em Santiago*, entre outros.

Tendo ideia de como funcionavam outros passeios, o passo seguinte foi ir buscar informações sobre a história de vida de Caio. Nesse sentido, recorri, sobretudo, a 3 textos: à biografia de Jeanne Callegari, publicada em 2008; aos depoimentos de Paula Dip, amiga de Caio, em 2009; e a coleção de cartas de Caio organizadas por Ítalo Moriconi em 2002. A partir dessas leituras, consegui galgar informações sobre Caio, sobre suas andanças por Porto Alegre e, então, começar a mapear pontos da cidade relacionados à sua biografia.

Com base em outro roteiro, este não literário, realizado em Porto Alegre – *Caminhos da Ditadura em Porto Alegre*, também fiz uso do *software* Google My Maps, através do qual é possível marcar lugares no mapa e, mais avançadamente, montar um roteiro, com início, meio e fim, com as rotas, a quilometragem e a sequência, as orientações de deslocamento. Ao todo, mapeei no Google My Maps 50 pontos. No entanto, pensando nas questões práticas e à luz da ideia de que espera-se colocar de fato o passeio em prática, elementos como proximidade, distância, clima, acabaram entrando em jogo. Foi assim que criei categorias para a seleção e recorte dos pontos: inicialmente, busquei observar onde, em que região da cidade havia uma maior concentração de pontos mapeados e marcados. No caso, foi o Centro Histórico, onde Caio estudou, teve lazer, trabalhou, morou. A partir daí, foi feita uma análise qualitativa de quais pontos traziam acontecimentos e fatos que, a meu ver, eram mais relevantes e emblemáticos; alguns deles ganharam pela recorrência com que apareciam na

¹⁷ Neste texto, Clarice expõe seu choque e sua indignação com a brutalidade com que a polícia assassina um morador de comunidade carioca. A crônica está presente no livro *A legião estrangeira*, de 1964, mas também foi publicada em outros veículos.

bibliografia consultada, como a Praça da Alfândega, onde ocorre anualmente a Feira do Livro de Porto Alegre; outros, como a Casa de Luísa Felpuda, são mencionados 1 ou 2 vezes, mas envolvem acontecimentos muito emblemáticos, a exemplo da primeira experiência homossexual da vida de Caio, que, segundo Callegari (2008), se deu neste bordel e que possivelmente inspirou a criação do conto *Sargento Garcia*, de *Morangos mofados*. A partir desses critérios, com muita dor no coração, outros lugares foram cortados, como a casa dos pais no Menino Deus. Na Figura 5, vê-se um mapa do itinerário aqui proposto.

Figura 5 - Mapa do itinerário *Onde andara Caio F.?*



Fonte: elaborado pelo autor¹⁸

4.2 PONTOS E HISTÓRIAS

Como mencionado anteriormente, a minha proposta de itinerário literário a pé envolvendo os momentos em que Caio esteve e viveu em Porto Alegre conta com 12 pontos

¹⁸ Na verdade, a arte do mapa do itinerário foi feita sob encomenda e é de autoria da minha amiga Juliana Soares, designer, ilustradora e bacharela em Moda.

de parada, sendo eles: o antigo Cine Baltimore, o Bar Ocidente, a antiga Casa de Luísa Felpuda, a antiga Faculdade de Filosofia da UFRGS, a Praça Argentina, o antigo Teatro Universitário, o Hotel Uruguai, a antiga residência de Caio na Rua Jerônimo Coelho, o local da cena final da adaptação cinematográfica do conto de mesmo nome *Aqueles dois*, a Praça da Alfândega (com foco na Feira do Livro de Porto Alegre, evento que ocorre anualmente na cidade desde 1955), a Rua da Praia e o jornal Correio do Povo.

Tabela 4 - Localidade e tipo de relação com cada ponto de paragem

#	PONTO DE PARAGEM	LOCALIDADE		TIPO DE RELAÇÃO
		ENDEREÇO	BAIRRO	
1	Antigo Cine Baltimore	Av. Osvaldo Aranha, 1.022	Bom Fim	Lazer
2	Bar Ocidente	Av. Osvaldo Aranha, 960	Bom Fim	Lazer
3	Antiga Casa de Luísa Felpuda	R. Dr. Barros Cassal, 525	Independência	Lazer
4	Antiga Faculdade de Filosofia da UFRGS	Av. Paulo Gama, 110	Farroupilha	Estudo
5	Praça Argentina	-	Centro Histórico	Lazer
6	Antigo Teatro Universitário	Av. Salgado Filho, 340	Centro Histórico	Dramaturgia
7	Hotel Uruguai	R. Dr. Flores, 371	Centro Histórico	Moradia
8	Antiga residência na Jerônimo Coelho	R. Jerônimo Coelho, 95, ap. 57	Centro Histórico	Moradia
9	Cena de <i>Aqueles dois</i>	Av. Borges de Medeiros, 929	Centro Histórico	Literatura
10	Praça da Alfândega	-	Centro Histórico	Literatura
11	Rua da Praia	R. dos Andradas, 1.001	Centro Histórico	Lazer
12	Jornal Correio do Povo	R. Caldas Júnior, 219	Centro Histórico	Jornalismo

Fonte: elaborado por mim com base em Dip (2009), Callegari (2008) e Moriconi (2002)

A seguir, falo mais detalhadamente de cada um dos pontos, apresentando um breve contexto histórico de um e em que medida se relacionam com a biografia de Caio.

4.2.1 Antigo Cine Baltimore

No passado, os cinemas de rua eram mais populares e acessíveis. A cidade de Porto Alegre, por exemplo, contava, de acordo com uma matéria de Ricardo Chaves (2019), com 42 estabelecimentos em 1963. Hoje em dia, a realidade é bem diferente. Espaços como o Cine Bancários e a Cinemateca Paulo Amorim resistem à cultura de shopping. Entusiasta da sétima arte, Caio Fernando Abreu trouxe consigo da infância em Santiago o hábito de ir ao cinema. Segundo o amigo Ruy, iam quase todos os dias (DIP, 2009, p. 113). Já na fase adulta, manteve o costume de assistir a velhos filmes e um que o marcou e que repercutiu quando foi diagnosticado com Aids foi *Filadélfia*, de 1993 (CALLEGARI, 2008, p. 58, p. 161).

Inaugurado em 1931 (SILVEIRA NETO, 2001), o prédio neoclássico do antigo Cine Baltimore perdeu o seu posto na Avenida Osvaldo Aranha, nº 1.022, no Bom Fim, bem em frente à Redenção, para um imenso prédio comercial. Atualmente, o local é ocupado pelo 9º Tabelionato de Notas de Porto Alegre, mas, no passado, Caio e seu ex-namorado Ivan assistiram ali a *Eu, Christiane F., 13 anos, drogada e prostituída*, de 1981. Com base no dramático filme, o escritor gaúcho passa a assinar várias das suas cartas como Caio F., brincando que ora era, entre outras variações, "o primo careta da Christiane" (DIP, 2009, p. 203), ora o primo intelectualizado, ora o primo *Brazilian* e ora o primo, pura e simplesmente (MORICONI, 2002).

Além do Cine Baltimore, outros antigos cinemas de Porto Alegre fizeram parte da história de Caio Fernando: como o Cine Castello, onde via Elis Regina cantar (DIP, 2009, pp. 180-181), e a Cinemateca Capitólio, da qual morava a alguns passos de distância na época em que vivia na pensão de D. Maria, no apartamento 121 do nº 1.141 da Avenida Borges de Medeiros, no Centro Histórico.

Figura 6 - Prédio comercial que hoje ocupa o terreno do antigo Cine Baltimore



Fonte: Oliveira (2020)

Figura 7 - Caio e Ivan na Praça XV, em Porto Alegre, em 1983



Fonte: Dip (2009, p. 347)

Figura 8 - Cine Baltimore em 1987



Fonte: RBS (2015)

4.2.2 Bar Ocidente

Os livros de Jeanne Callegari (2008) e de Paula Dip (2009) levam a crer que Caio Fernando Abreu tinha a habilidade, o prazer e a facilidade de circular entre extremos, flanando desde, por exemplo, encontros megaelitizados e intelectualizados entre escritores, possivelmente devido ao reconhecimento que começou a receber em algum momento da sua carreira, quanto a locais da cena *underground* de cidades como São Paulo e Porto Alegre, possivelmente devido mesmo a questões de afinidade e personalidade. Segundo Antônio Neto, com quem o escritor gaúcho dividiu apartamento em SP por volta de 1987, a casa deles era povoada por "atores, atrizes, escritores, vagabundos, poetas, artistas plásticos, alcoólatras anônimos, alcoólatras famosos, mãe-de-santo, pai-de-santo, travesti, garçõete, guarda-costas, porteiro de boate, dona de boate" (CALLEGARI, 2008, p. 132). Depoimentos como o desse amigo podem revelar a tamanha amplitude da diversidade das relações de Caio.

Por falar em cena *underground*, o bairro Bom Fim, em Porto Alegre, sobretudo entre as décadas de 1970 e 1980, era o local onde todas as tribos se reuniam e podiam se reunir "mais ou menos livres da repressão" (FONSECA, 2006). Naquela época, muitos bares recheavam as imediações da Redenção e da Osvaldo Aranha, espaços estes ocupados principalmente por boêmios, jovens, estudantes de esquerda, intelectuais, artistas, indivíduos da comunidade LGBTQIAPN+ e, por extensão, pessoas contra o regime militar (*ibid.*, p. 59). Há relatos, então, de que Caio Fernando frequentava esse meio e costumava ir a bares como o Lola e o Ocidente (DIP, 2009, p. 242).

Figura 10 - Ivan Mattos, Caio e Jacqueline Cantore no Menino Deus, em 1983



Fonte: Dip (2009, p. 343)

Figura 11 - Bar Ocidente nos dias de hoje



Fonte: material de divulgação. Disponível em:

https://www.jornaldocomercio.com/_conteudo/especiais/reportagem_cultural/2020/03/731705-reduto-da-boemia-na-capital-ocidente-completa-40-anos-em-2020.html. Acesso em: 22 ago. 2023.

4.2.3 Antiga Casa de Luísa Felpuda

Jeanne Callegari (2008) acredita que a primeira experiência homossexual de Caio Fernando Abreu tenha se sucedido na Casa de Luísa Felpuda ou na Mansão da Tia Velha. Na

verdade, são dois nomes para um mesmo lugar: o bordel gerenciado por Luís Luzardo Corrêa, aposentado, cujo codinome era Luísa Felpuda, que morava e cuidava do irmão enfermo e que, para complementar a renda, alugava quartos do casarão a outros homens gays, onde podiam se relacionar com mais segurança e privacidade.

A hipótese da jornalista Callegari (2008) surge a partir de 2 pistas: uma entrevista que Caio dá à revista *Marie Claire* em 1995 e uma homenagem que Caio faz à memória de Luísa Felpuda antes do parágrafo que abre o conto *Sargento Garcia*, icônica história de *Morangos mofados*. Aparentemente, há realmente uma conexão entre as 2 fontes. De um lado, há a entrevista cedida, em que Caio Fernando Abreu relembra o seu primeiro encontro gay, aos 16 anos de idade, "completamente sem romantismo" (*ibid.*, p. 97) e com um sujeito que num domingo à noite o abordara numa rua do Centro Histórico. Do outro lado, há não apenas a dedicatória, mas o conteúdo do conto em si, que acompanha, justamente, a primeira experiência sexual de um rapaz, também esta com um homem abrupto e em um lugar cuja descrição pode remeter à de um prostíbulo (ABREU, 2015a). Ainda no texto de ficção, o protagonista, muito impactado pelo acontecimento, relata o despertar intenso de *algo* (possivelmente a homossexualidade): "uma vez desperta não voltará a dormir" (*ibid.*, p. 99).

Pelo menos 1 década depois da possível primeira vez homossexual de Caio na Mansão da Tia Velha, o númro 525 da Rua Barros Cassal, na Independência, foi palco de um crime marcante. Na madrugada de 30 de abril de 1980, o dono do casarão e o irmão foram assassinados pelo michê Jairo Teixeira Rodrigues (MEDEIROS, 2018). O garoto de programa com frequência atendia clientes no local, mas, em certo dia, pego no flagra tentando roubar pertences de Luís, teve a reação de matar ambos os irmãos e incendiar a casa. Segundo o jornal *Lampião da Esquina* (1980), o homicídio apresentava requintes de sadismo.

Figura 12 - Prédio onde antigamente ficava o casarão de Luísa Felpuda



Fonte: material de divulgação. Disponível em:

<https://www.imovelweb.com.br/propriedades/apartamento-1-dormitorio-no-bairro-bom-fim-para-entrar-2977463507.html>. Acesso em: 20 ago. 2023.

4.2.4 Antiga Faculdade de Filosofia da UFRGS

Em 1967, Caio Fernando Abreu passa no vestibular para cursar Letras na UFRGS. Como se sabe, é durante esse início da graduação que tem a sua primeira publicação, o conto *O príncipe sapo*, publicado pela Revista Claudia (CALLEGARI, 2008), marcando o início da sua carreira como escritor. Nesse período, também trabalha na escrita do seu primeiro romance, *Limite branco*, publicado em 1971, mas escrito em 2 ou 3 meses de 1967 (ABREU, 2014); e do seu primeiro livro de contos, *Inventário do irremediável*¹⁹, que começa a ser escrito em 1966 e é publicado finalmente em 1970 (PEREIRA, 2008). Nesse começo de carreira, participa também de algumas antologias de contos com outros escritores gaúchos, como *Roda de fogo: 12 gaúchos contam* e *Caderno de Contos e Poesia*. Este último o conecta

¹⁹ Posteriormente, quando relançado em 1995, o livro passa a se chamar *Inventário do ir-remediável*.

àqueles escritores da chamada geração mimeógrafo: literatos que, sem investimento, acabavam imprimindo suas produções em mimeógrafos (daí o nome), distribuindo-as e vendendo-as de maneira independente (TEIXEIRA, 2020).

Antigamente, o que hoje é o Instituto de Letras fazia parte da antiga Faculdade de Filosofia, que tinha como sede o atual Anexo III da Reitoria.

Figura 13 - Carteirinha de Caio de aluno do curso de Letras



Fonte: Dip (2009, p. 119)

Figura 14 - Faculdade de Filosofia da UFRGS em 1968



Fonte: Carneiro e Galli (2021)

Figura 15 - Atual Anexo III da Reitoria da UFRGS



Fonte: material de divulgação. Disponível em:

http://www.ufrgs.br/tri/sead/sead-1/imagens/predio-anexo-iii/image_view_fullscreen. Acesso em: 23 ago. 2023.

4.2.5 Praça Argentina

Localizada no ponto de encontro das importantes avenidas João Pessoa e Osvaldo Aranha, a Praça Argentina é circundada por 2 importantes instituições gaúchas: a Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre e o Prédio Centenário da Escola de Engenharia da UFRGS. Há registros envolvendo-a que datam do século XIX, mas só em 1921 foi rebatizada com o nome pela qual segue sendo conhecida até hoje (PROCEMPA, [2023]).

Figura 16 - Praça Argentina (provavelmente após a reforma de 1927)



Fonte: PROCEMPA [2023]

Em 1980, o local foi palco do que seria o maior ato brasileiro pela democracia daquele ano. Segundo Fernandes (2017), a história foi a seguinte: as autoridades da capital gaúcha aproveitariam a vinda do ditador Jorge Rafael Videla para reinaugurar a Praça Argentina, que havia sido revitalizada, ao que estudantes, sobretudo da UFRGS, se oporiam e convocariam um ato público contra as ditaduras latino-americanas e a presença do golpista argentino. Na manhã de 22 de agosto, à véspera da marcada solenidade na Praça Argentina, os manifestantes foram brutalmente agredidos pela Brigada Militar²⁰. Um dos momentos mais trágicos se deu com a fuga e a colisão de alunos contra as portas de vidro do RU, que explodiram, deixando feridos. Mesmo assim, no dia seguinte, cerca de 300 pessoas se prostraram nos entornos da Faculdade de Ciências Econômicas, no RU e no DCE, entoando

²⁰ Rogério Oliveira, aluno do curso de Artes da UFRGS na época, relata: "Eles batiam com vontade, não tinha garoto ou garota. Apanhava quem estivesse ao alcance dos cassetetes. [...] Meio espremido e cuidando para não me projetar ou ser empurrado contra a parede de vidraças ali, só me recordo de ter levado uma forte pancada nas costas nesta hora." (FERNANDES, 2017, p. 64).

gritos de "abaixo a ditadura" e expondo placas que pediam a renomeação do espaço para Praça das Locas de Mayo. Intimidado pelo movimento, o líder político deixou POA sem reinaugurar a Praça Argentina nem instalar a placa de bronze que eternizaria a sua visita.

Até 2003, havia, nas dependências do local, um busto de Apolinário Porto Alegre, que não só foi um importante escritor republicano e abolicionista (RBS, 2017), como também foi o indivíduo que deu nome à antiga escola primária de Caio Fernando Abreu, em Santiago (DIP, 2009). Falando nisso, a partir do relato de Callegari (2008, p. 34, grifo da autora) abaixo, é possível supor que era na Praça Argentina que se reunia com alguns amigos da faculdade, como a artista plástica Maria Lúcia Magliani. Juntos, ambos vestidos inteiramente de preto, formavam uma dupla à la Patti Smith e Robert Mapplethorpe²¹. Às vezes, o literato João Gilberto Noll os acompanhava.

Sentavam-se em um banco da praça em frente à universidade e conversavam sobre filmes, livros, discos. Nessa época, Noll ainda não sabia se escreveria prosa ou poesia, mas Caio, embora ainda se preocupasse em descobrir um estilo pessoal, que fosse só seu, parecia já ter definido desde muito cedo o que queria. Tanto que já tinha até escrito *Limite branco* [...].

4.2.6 Antigo Teatro Universitário

Talvez seja possível dizer, a partir das leituras de Callegari (2008) e Dip (2009), que Caio estabeleceu vínculos mais fortes e duradouros no período em que cursou a habilitação em Direção Teatral do curso de Arte Dramática da UFRGS, entre 1967 e 1968. Como aluno do CAD, fez amizades que acabariam impactando a sua carreira de diversas formas, tanto como ator, jornalista e escritor, e também amizades que levaria junto consigo até o fim da vida, como Magliani, Luiz Arthur e Ivan. Quando Caio entra para o curso de Arte Dramática, há pouco tempo o CAD havia sido transferido para o local onde é sediado até hoje, entre a Rua General Vitorino e a Avenida Salgado Filho. Ao longo da vida, Caio atua em peças, escreve roteiros (tanto para teatro quanto para cinema), adapta roteiros (como um livro de Lygia Fagundes Telles para o teatro) e, acima de tudo, escreve peças, reunidas postumamente pelo amigo Luiz Arthur Nunes no livro *Teatro completo*, de 1997.

Foi nesse local que Caio F. passou por uma situação dramática para defender a amiga Magliani, a primeira aluna negra do curso de Artes da UFRGS a se formar na instituição. Segundo os relatos de Dip (2009) e Callegari (2008), havia, no CAD, um sujeito estranho e

²¹ Recomendo a leitura de *Só garotos*, livro de memórias escrito por Patti Smith.

havia a desconfiança de que ele era um infiltrado dos militares, que governavam o país desde 1964. A história é que, durante uma encenação no Teatro Universitário (que, atualmente, é o Qorpo Santo, o Teatro da UFRGS, sediado em outro local da cidade), o rapaz cometeu injúria racial e Caio reagiu partindo para cima, com xingamentos e violência física. Passados alguns dias, Caio foi abordado por um grupo de pessoas, que o agrediram, provavelmente por conta da situação com o impostor, o que, segundo as autoras acreditam, confirmaria a suspeita de que tratava-se de um espião dentro da universidade. Esse e outros acontecimentos vinculados à perseguição política criaram em Caio um sentimento de alerta e de desconfiança em relação às pessoas, como mostra o episódio em que, morando em São Paulo com a Maria Lúcia, se irrita pela amiga deixar 2 sujeitos estranhos e, segundo ele, desconfiáveis, entrar na residência deles. Caio sempre se colocou contra a ditadura e o exemplo mais emblemático é o embate que teve ao vivo com a escritora Raquel de Queiroz no programa Roda Viva, da TV Cultura (CALLEGARI, 2008; DIP, 2009).

4.2.7 *Hotel Uruguai*

Localizado na Rua Dr. Flores, nº 371, no Centro Histórico de Porto Alegre, o Hotel Uruguai foi o local da cidade que primeiro acomodou Caio após o tempo em que viveu no internato do Instituto Porto Alegre, onde cursou o que atualmente damos o nome de ensino médio. Insatisfeito com os colegas de escola e com a antiga moradia estudantil, de onde escreveu uma carta aos pais implorando que eles o buscassem (MORICONI, 2002, p. 346). Caio vive no hotel até 1965. Àquela época, dedicava-se aos estudos e há relatos de 2 contos escritos até então: uma história escrita aos 6 anos e outra que lhe conferiu um prêmio num concurso durante o primário, que está inclusa em *Ovelhas negras* (ABREU, 2015b): *A maldição dos Saint-Marie*.

Figura 17 - Fachada do Hotel Uruguai



Fonte: material de divulgação. Disponível em:
<https://avaliacoesbrasil.com/hotel/porto-alegre/hotel-uruguai/#images>. Acesso em: 20 ago. 2023.

Figura 18 - Acomodação do Hotel Uruguai



Fonte: material de divulgação. Disponível em:
<https://avaliacoesbrasil.com/hotel/porto-alegre/hotel-uruguai/#images>. Acesso em: 20 ago. 2023.

4.2.8 Antiga residência na Jerônimo Coelho

Caio viveu em POA em diferentes momentos da vida, conforme expus em (2) *Sobre Caio em Porto Alegre*. A princípio, com base sobretudo em Dip (2009), Callegari (2008) e Moriconi (2002), de moradia mais fixa teve 6 locais.

Em primeiro lugar, o internato do IPA, no bairro Rio Branco, no início de 1964. Depois, o Hotel Uruguai, na Rua General Vitorino, ainda no período do colegial. Na sequência, por volta de 1965, a pensão de D. Maria, na Avenida Borges de Medeiros, onde tinha por perto Ruy, amigo de Santiago, e onde conheceu Manoelito de Ornellas, que o apresentou a Erico Verissimo. A seguir, já na década de 1970, depois da sua primeira temporada em São Paulo, vem a famosa casa dos seus pais, no bairro Menino Deus, que, infelizmente, foi demolida recentemente, apesar de muita luta para que o sobrado fosse mantido, num ato de preservação da memória do autor e da história cultural de Porto Alegre (WEBER, 2022). Ao número 98 da Rua Oscar Bittencourt Caio foi e voltou inúmeras vezes, tanto como visitante quanto como morador, tendo sido o seu pouso final entre 1994 e 1996.

Depois da primeira experiência morando com os pais em Porto Alegre em 1970, há um salto no tempo: em 1976, depois de uma temporada na Europa, Caio passa a dividir um apartamento no Centro Histórico com o grande amigo Luiz Arthur Nunes, responsável por reaproximá-lo à dramaturgia e pela reunião póstuma de todas as suas peças²². Segundo relato do diretor teatral (DIP, 2009, p. 321), moravam em frente ao prédio do INAMPS, na Rua Jerônimo Coelho, popularmente conhecido como Edifício Cristaleira, por conta das janelas envidraçadas. Com isso, suponho que o casal de amigos vivia no número 116.

[...] naqueles três quartos bem amplos, tivemos uma convivência perfeita. Nunca houve o menor desentendimento, podem ter certeza de que não estou caindo no fútil exercício de color de azul e rosa ou de apagar as manchas escuras da memória dos entes queridos. Tive muitas experiências de morar com outras pessoas [...]. Com nenhuma delas [...] houve um convívio tão fácil e ameno como o nosso no apê da Jerônimo: o riso era nosso companheiro constante, a troca intelectual e afetiva, maravilhosa.

Por fim, a última moradia porto-alegrense de Caio antes de voltar definitivamente à casa dos pais no Menino Deus nos anos 1990 se deu na Rua Chile, 661 (MORICONI, 2002), entre os bairros Petrópolis e Jardim Botânico. Naquela casa de madeira com pátio amplo, recebeu amigos-moradores, cuidou da gata Tigresa e plantou árvores frutíferas e espécies de

²² Estou me referindo a *Teatro completo*, publicado em 1997.

flores. Entretanto, no prefácio à edição de 1977 de *Pedras de Calcutá*, Caio já alerta uma inquietude: "[...] Só quero, logo, logo, pegar uma mochila e sair por aí — América Latina, África, Ásia, Estados Unidos, China, Groelândia." (DIP, 2009, p. 43). Quando entramos em contato com a sua biografia, notamos que o nomadismo é uma característica presente. Pouco depois da morada na Rua Chile, declara que odeia São Paulo, odeia o Rio, odeia Porto Alegre; mas, anos depois, ele mesmo, segundo Callegari (2008, p. 150) parece ter se dado conta de que o problema não eram os lugares, mas ele: "Assim que aceita sua condição de eterno estrangeiro, Caio pode parar e olhar ao redor e ver que os problemas, afinal, não estão em Santiago, em Porto Alegre, em São Paulo ou Londres; a confusão está é nele mesmo."

Figura 19 - Apartamento na Avenida Borges de Medeiros



Fonte: material de divulgação. Disponível em:

<https://www.foxterciaimobiliaria.com.br/empreendimento/2725/general-osorio-residencial-porto-alegre-centro-historico-condominio-vertical-zona-centro>. Acesso em: 22 ago. 2023.

Figura 20 - Casa dos pais no Menino Deus



Fonte: Gomes (2022)

Figura 21 - Número 116 da Rua Jerônimo Coelho



Fonte: material de divulgação. Disponível em:

<https://loft.com.br/imovel/apartamento-rua-jeronimo-coelho-centro-porto-alegre-1-quarto-72m2/m7k1rf?mediaTab=true>. Acesso em: 22 ago. 2023.

4.2.9 Cena de Aqueles dois

Em carta enviada à amiga Paula Dip (2009, pp. 199-203) em 24 de setembro de 1983, Caio F. relata que está trabalhando nas novelas que compõem *Triângulo das águas*²³ e que está à procura de um lugar para viver em Santa Teresa, no Rio de Janeiro. Com tanta coisa acontecendo, parece ser um momento bom para a sua carreira. Há também espaço para o amor: é o período em que se relaciona com Ivan Pinheiro Machado, que morava na casa atrás da dos seus pais, no Menino Deus, e por quem se sentia muito apaixonado. O, vou chamar, vizinho de Caio estava atuando na peça *Pode ser que seja só o leiteiro lá fora*, encenada em POA. Ainda em meio à epístola, um comentário chama a atenção: a finalização de um roteiro para o cinema (DIP, 2009; CALLEGARI, 2008).

Caio estava se referindo ao roteiro para o cinema de *Aqueles dois*, conto que integra *Morangos mofados*, publicado em 1982. Dirigido por Sérgio Amon, o longa foi filmado em Porto Alegre. Na história, brota uma paixão entre 2 colegas de trabalho, que acabam sendo demitidos por atitudes "imorais". A cena final se passa justamente na Av. Borges de Medeiros, um pouco abaixo do viaduto, já quase na Praça Açorianos. Nela, dá para ver prédios icônicos daquele que é um dos locais mais emblemáticos e bonitos de Porto Alegre.

É inegável que a adaptação de um livro para o cinema, sobretudo, traz muita visibilidade à obra e ao autor. Nesse sentido, ainda cabe mencionar que Caio, dramático, julgava que era esquecido pela imprensa; quando, na verdade, Callegari (2008) afirma que não, que ele tinha uma relevância e que era procurado. Deu entrevista ao Jô e ao Globo Repórter, entre outros veículos convencionais de grande audiência (*ibid.*, p. 180). É verdade, no entanto, que, no final da vida, acometido pela Aids, era muito procurado por conta da doença, o que o chateava, provavelmente por sentir que estava sendo limitado à condição; logo ele, multifacetado: escritor, roteirista, jornalista, dramaturgo...

²³ Não posso deixar de registrar neste trabalho que, segundo Moraes (2008), *Triângulo das águas* é o primeiro livro nacional de ficção que fala abertamente sobre a Aids.

Figura 22 - Cena final de *Aqueles dois*

Fonte: Amon (1985)

4.2.10 Praça da Alfândega

A Feira do Livro de Porto Alegre acontece todos os anos na Praça da Alfândega desde 1955. Trata-se, portanto, de um evento já tradicional. Além disso, o local em que é realizado é circundado por importantes prédios históricos e por espaços que, assim como a própria feira, promovem a cultura, como o MARGS e o Farol Santander. Anualmente, a organização do evento seleciona um patrono, isto é, uma espécie de autor-homenageado, e Caio Fernando Abreu teve a sua vez em 1995, na 41ª edição (CALLEGARI, 2008).

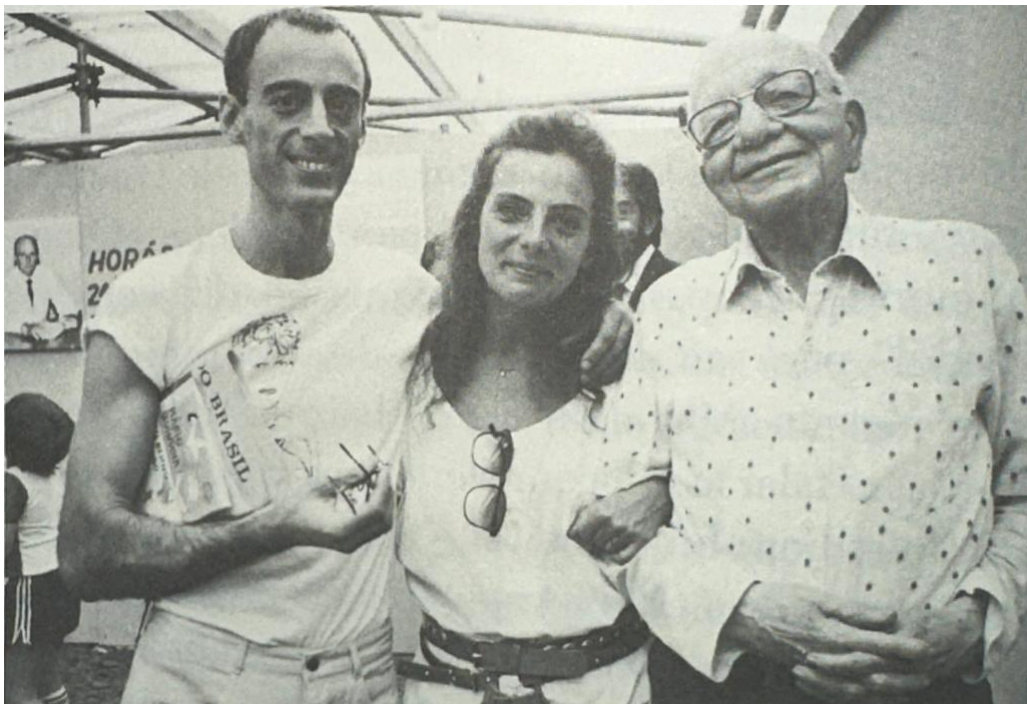
Entretanto, a relevância da Feira do Livro de Porto Alegre na história de Caio em POA vai muito além dessa indicação como patrono do evento. Na verdade, a relação do autor com o evento e, conseqüentemente, com o espaço em que ocorre é bem mais antiga. Remonta ao período da faculdade de Letras, quando, sem dinheiro, ele e João Gilberto Noll aproveitavam a muvuca para surrupiar um livro ou outro, conforme Callegari (2008, p. 34). Outras histórias vieram depois dessa experiência à la *A menina que roubava livros*, envolvendo, por exemplo, o lançamento de *Os dragões não conhecem o paraíso*, a sessão de autógrafos com o escritor Reinaldo Moraes, o falecimento da poeta Ana Cristina Cesar, o convite para ser patrono e o preconceito que sofreu na praça após o lançamento de *A primeira carta para além dos muros*, em que publiciza que está com Aids (CALLEGARI, 2008; DIP, 2009).

Figura 23 - Praça da Alfândega



Fonte: material de divulgação. Disponível em: <https://hotelerechim.com.br/project/praca-da-alfandega/>. Acesso em: 23 ago. 2023.

Figura 24 - Caio, Mário Quintana e Bruna Lombardi na Feira do Livro de 1983



Fonte: Dip (2009, p. 196)

4.2.11 Rua da Praia

Em 29 de dezembro de 1970, Caio Fernando Abreu redige duas cartas à escritora Hilda Hilst, autora de *O caderno rosa de Lori Lamby* e de *A obscena Senhora D.* Sem imaginar que escreveria de novo a ela tão depressa, encerra a primeira epístola com bons votos de excelente 1971. Passadas algumas horas, no entanto, volta para compartilhar com a amiga uma ótima boa nova: ficara sabendo que Clarice Lispector estaria, naquela mesma noite, autografando livros numa estação de TV de Porto Alegre e tivera a oportunidade de conhecê-la em carne e osso (MORICONI, 2002; CALLEGARI, 2008; DIP, 2009).

À época, Caio estava no comecinho da sua carreira como escritor. Tinha publicado apenas duas histórias curtas — *O príncipe sapo*, na Revista Claudia, e uma outra na antologia *Roda de fogo: 12 gaúchos contam* — e o livro de contos *Inventário do irremediável*, que entrega a Clarice. É sabido que Lispector era de longe a autora de que Caio mais gostava, a ponto de precisar parar de lê-la, devido à tamanha influência da escrita e do estilo dela na sua produção literária, então o encontro não significou pouca coisa, como mostra o seguinte trecho, retirado de uma dessas cartas mencionadas acima (MORICONI, 2002, n.p.):

Ela é exatamente como os seus livros: transmite uma sensação estranha, de uma sabedoria e uma amargura impressionantes. É lenta e quase não fala. Tem olhos hipnóticos quase diabólicos. E a gente sente que ela não espera mais nada nem de ninguém que está absoluta sozinha e numa altura tal que ninguém jamais conseguiria alcançá-la.

Essa relação com Clarice Lispector nos leva a um sem número definido da Rua da Praia, cujo nome oficial é, no entanto, desde o século XIX, Rua dos Andradas. Nesse ponto de Porto Alegre, Caio e Clarice se encontraram em outras vezes em que ela estava em POA²⁴, segundo a amiga pessoal Paula Dip (2009, p. 435). O próprio Caio F., em um texto publicado em O Estado de S. Paulo em 7 de agosto de 1994 e retomado no livro póstumo *A vida gritando nos cantos*, relembra um desses encontros que os dois tiveram:

Até hoje lembro de um encontro que tivemos em Porto Alegre, em 1975. Ela — que quase não falava, fumava muito e suportava pouco as pessoas — me convidou para um café na rua da Praia. Fomos. Silêncio denso, lispectoriano. No balcão do bar, por trás da fumaça de cigarro e com aquele sotaque estranhíssimo, de repente ela perguntou: 'Como é mesmo o nome desta cidade?'. E estava em Porto Alegre havia três dias... (ABREU, 2013, n.p.).

²⁴ Em carta à Mafalda Verissimo, esposa do escritor gaúcho Erico Verissimo, de 7 de novembro de 1976, Clarice Lispector menciona que esteve em Porto Alegre para participar de um encontro de escritores (LISPECTOR, 2020). Quem sabe ela e Caio não se encontraram também nessa ocasião?

Figura 25 - Trecho da Rua dos Andradas (ou, mais popularmente, Rua da Praia)



Fonte: Malinoski (2022)

4.2.12 *Jornal Correio do Povo*

Em Porto Alegre, Caio Fernando Abreu dá início não só à sua carreira como autor de ficção como também como jornalista. Ao longo de toda a sua vida, se dedicou ao jornalismo, tendo passado por inúmeros veículos, tanto jornais gigantes, como o Estado de S. Paulo, a Folha de S. Paulo e a Zero Hora; quanto revistas, como a Veja, a POP e a Gallery Around; e a imprensa nanica ou alternativa, cujos veículos apresentavam discursos contra-hegemônicos durante o período da ditadura militar no Brasil (MENDES, 2011), como Exemplar e Paralelo (CALLEGARI, 2008).

Por mais que Caio F. fosse impecável em termos profissionais, organizado e pontual com as entregas, segundo relatos de Dip (2009), com quem ele trabalhou nas revistas POP e Gallery Around, Caio detestava a função jornalística e a desempenhava apenas para poder sobreviver e se dedicar à literatura. É curioso observar que esse repúdio ao jornalismo esteve sempre presente, desde o início, desde o trabalho na Veja, cujo processo de seleção, inclusive, Caio realizou em 1968 em Porto Alegre. No entanto, no fim, o jornalismo não fora de todo mal: além das contas a pagar, ajudou também na sua criação literária (*ibid.*, p. 125): "O jornalismo me ajudou um pouco a secar a forma, eu sempre tive a tendência a ser excessivo."

Figura 26 - Grupo de jornalistas da revista Veja em 1969



Fonte: Dip (2009, p. 124)

Por falar em jornalismo, primeiras experiências e Porto Alegre, provavelmente as contribuições jornalísticas mais antigas de Caio Fernando Abreu foram aquelas para o jornal *Correio do Povo*, como mostra a minibiografia que faz de si em seu diário por volta dos 18 anos de idade: "Estudo Letras e Arte Dramática, na Faculdade de Filosofia da UFRGS. Além disso, escrevo crítica de cinema para o *Correio do Povo* e faço cinema — como ator — com um amigo, Sérgio Roberto Silva." (DIP, 2009, p. 307, grifo da autora). Fundado em 1895, o periódico segue em produção e circulação até hoje.

Figura 27 - Sede do jornal Correio do Povo



Fonte: Massaro (2019)

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Remontar os períodos em que Caio Fernando Abreu esteve ou morou em Porto Alegre não foi fácil. Em primeiro lugar, porque querer dar conta de toda a história de uma pessoa já é por si só uma tarefa hercúlea (na verdade, percebo agora, é impossível, tamanha a complexidade de uma existência). Em segundo lugar, porque Caio, fugidio, levou uma vida mais nômade do que a maioria das pessoas (explico: com várias viagens a trabalho ou por lazer e com não poucas trocas de endereço), o que dificulta a missão de rastrear os passos dele. Em último lugar, porque ainda há muito a ser descoberto (a título de exemplificação, os diários dele, que contribuiriam imensamente, estão atualmente sob domínio do Espaço de Documentação e Memória Cultural da PUC-RS e não podem ser acessados).

Ainda assim, apesar dessas intempéries, creio que posso afirmar que consegui coletar dados biográficos suficientes sobre Caio Fernando Abreu para elaborar o itinerário literário que eu me propunha. Ao passar pelos 12 locais que selecionei (vale lembrar: o antigo Cine Baltimore, o Bar Ocidente, a antiga Casa de Luísa Felpuda, a antiga Faculdade de Filosofia da UFRGS, a Praça Argentina, o antigo Teatro Universitário, o Hotel Uruguai, a antiga residência na Jerônimo Coelho, o local da cena final do filme *Aqueles dois* (AMON, 1985), a Praça da Alfândega, a Rua da Praia e o Correio do Povo), é possível ter uma visão geral da biografia e da personalidade do autor, já que eles englobam aspectos como moradia, trabalho, estudo e lazer. No entanto, diversos pontos acabaram ficando de fora — dos menos relevantes aos mais importantes (sendo o maior expoente deste último grupo a antiga moradia dos pais de Caio no Menino Deus, construção demolida no ano passado, notícia Weber [2022]). Isso porque eu realmente pretendo colocar o itinerário em prática e, então, precisei me atentar a questões práticas. No fim das contas, o principal critério de seleção de pontos de paragem foi a proximidade entre eles, o que facilita a caminhada.

Considerando que consegui mapear e registrar no Google My Maps²⁵ exatos 50 locais relacionados à biografia ou à obra de Caio F. em Porto Alegre, a partir, sobretudo, de Moriconi (2002), Callegari (2008) e Dip (2009), acredito que também seria possível explorar outras possibilidades de trajeto em uma pesquisa futura. A região do bairro Menino Deus, por exemplo, integra vários pontos que Caio costumava frequentar, principalmente com fins recreativos, como o Parque Marinha e a Orla do Guaíba. Nesse caso, uma alternativa seria

²⁵ Disponível em:

https://www.google.com/maps/d/u/0/edit?mid=1t7G0r5H15nIrqsgJA_FuZn4-UXCiZkc&usp=sharing.

dividir o passeio em 2 partes, uma pelo Centro Histórico e outra pelo Menino Deus, e adotar um deslocamento híbrido, envolvendo, talvez, caminhada e ciclismo ou, então, caminhada e suporte de micro-ônibus, como ocorre com o itinerário proposto por Viñal Júnior *et al.* (2019) em Salvador. Essa é, enfim, apenas uma ideia...

Ao de fato concretizar o itinerário que propus e reunir grupos em torno dos pontos de paragem selecionados, espero conseguir fazer com que as pessoas sintam a mesma empolgação que tive ao fazer o percurso de *O Rio de Clarice* pelo bairro do Leme, no Rio de Janeiro. Aquela experiência realmente me impactou e me aproximou à obra e à biografia de Lispector de um jeito especial. Transpor isso para Caio e para Porto Alegre foi uma tentativa não só de proporcionar essa experiência a mais pessoas, mas também incluir a ela elementos que me definem: a pauta LGBTQIAPN+ e a origem canoense/porto-alegrense.

Por fim, por falar em origens, no início da pesquisa, eu não esperava que fosse me identificar tanto com a biografia do escritor. Por alto, consigo pensar em pelo menos 1 dezena de elementos que temos em comum (para mencionar alguns: o interesse pela escrita, o ardor pelo nomadismo, o desinteresse (e a necessidade) pelo trabalho com comunicação, os relacionamentos fugazes e por aí vai). Isso me faz crer que Caio, mesmo tendo falecido há quase 30 anos, segue como um autor que dialoga com as novas gerações e, sendo ele tão gente como a gente, pode ressoar também em outras pessoas através do *Onde andara Caio F.?*

REFERÊNCIAS

- ABREU, Caio Fernando. **Caio 3D**: o essencial da década de 1970. Rio de Janeiro: Agir, 2005a.
- ABREU, Caio Fernando. **Caio 3D**: o essencial da década de 1980. Rio de Janeiro: Agir, 2005b.
- ABREU, Caio Fernando. **Caio 3D**: o essencial da década de 1990. Rio de Janeiro: Agir, 2006.
- ABREU, Caio Fernando. **Limite branco**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2014.
- ABREU, Caio Fernando. **Morangos mofados**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015a.
- ABREU, Caio Fernando. Na trilha dos mistério de Clarice. *In*: ABREU, Caio Fernando. **A vida gritando nos cantos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2013.
- ABREU, Caio Fernando. **Ovelhas negras**. Porto Alegre: L&PM, 2015b.
- AMARAL, Graça Luísa Morais. **A paisagem literária no Algarve**: proposta de dois itinerários literários. 2019. 120 f. Dissertação (Mestrado em Turismo) – Escola Superior de Gestão, Hotelaria e Turismo, Universidade do Algarve, Faro, 2019. Disponível em: <https://sapientia.ualg.pt/handle/10400.1/15382>. Acesso em: 30 ago. 2023.
- AMON, Sérgio. **Aqueles dois**. Direção: Sérgio Amon. Produção: Sérgio Lerrer. Porto Alegre: Casa de Cinema POA, 1985. 75min., color., 35mm.
- A morte de "Luisa Felpuda". **Lampião da Esquina**, Rio de Janeiro, ano 3, n. 25, jun. 1980. Disponível em: <https://www.grupodignidade.org.br/projetos/lampiao-da-esquina/29-lampiao-da-esquina-edicao-25-junho-1980/>. Acesso em: 20 ago. 2023.
- CAIO NA MEMÓRIA VIVA (CMV). [Caio F.]. [S. i.], 2022. Disponível em: <https://caiofentrenos.com.br/caio-f/>. Acesso em: 1 set. 2023.
- CALLEGARI, Jeanne. **Caio Fernando Abreu**: inventário de um escritor irremediável. São Paulo: Seoman, 2008.
- CARNEIRO, Anita; GALLI, Laura. Pequena Memória para um Tempo Sem Memória #4: a intervenção da ditadura militar na UFRGS. **Nonada Jornalismo**, Porto Alegre, 2021. Disponível em: <https://www.nonada.com.br/2021/03/pequena-memoria-para-um-tempo-sem-memoria-4-a-intervencao-da-ditadura-militar-na-ufrgs/>. Acesso em: 23 ago. 2023.

CHAVES, Ricardo. A época em que Porto Alegre teve mais de 40 cinemas de rua. **GaúchaZH**, Porto Alegre, 23 jul. 2019. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/cultura-e-lazer/almanaque/noticia/2019/07/a-epoca-em-que-porto-alegre-teve-mais-de-40-cinemas-de-rua-cjygd38zz049u01mshdptfmvw.html>. Acesso em: 20 ago. 2023.

CUNHA, Flávia. Caio F. e a epidemia silenciosa de Aids em 2019. **Vós**, Porto Alegre, 6 dez. 2019. Disponível em: <https://vos.social/voos-literarios/caio-f-e-a-epidemia-silenciosa-de-aids-em-2019/>. Acesso em: 23 ago. 2023.

DIP, Paula. **Para sempre teu, Caio F.**: cartas, memórias, conversas de Caio Fernando Abreu. Rio de Janeiro: Record, 2009.

EMPRESA DE TECNOLOGIA DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO DA PREFEITURA DE PORTO ALEGRE (PROCempa). **Praça Argentina**. Porto Alegre, [2023]. Disponível em: http://lproweb.procempa.com.br/pmpa/prefpoa/vivaocentro/default.php?reg=13&p_secao=118#. Acesso em: 19 ago. 2023.

FERNANDES, Letícia Wickert. "**Nem Videla, nem Figueiredo!**": a batalha da Praça Argentina e a resistência estudantil na UFRGS através dos documentos do SNI. 2017. 101 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em História) – Departamento de História, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.

FLÔRES, Cáira Borondi. **Inventário do patrimônio arquitetônico do núcleo histórico da cidade de Santiago/RS**. 2016. 177 f. Dissertação (Mestrado em Patrimônio Cultural) – Centro de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufsm.br/handle/1/21936>. Acesso em: 29 ago. 2023.

FONSECA, Cauê. Caminhada por Porto Alegre homenageia Caio Fernando Abreu e alerta sobre a aids. **GaúchaZH**, Porto Alegre, 30 nov. 2019. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/porto-alegre/noticia/2019/11/caminhada-por-porto-alegre-homenageia-caio-fernando-abreu-e-alerta-sobre-a-aids-ck3m3gxi001e8011l4gyx6cke.html>. Acesso em: 23 ago. 2023.

FONSECA, Luciana Marson. **Dois rumos na noite de Porto Alegre**: dinâmica socioespacial e lazer noturno nos bairros Cidade Baixa e Moinhos de Vento. 2006. 214 f. Dissertação (Mestrado em Planejamento Urbano e Regional) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/8716/000587300.pdf?sequence=1>. Acesso em: 22 ago. 2023.

GAPA. **1ª Caio F. Walking Tour**. Porto Alegre, 30 nov. 2019. Facebook: GAPA-RS-906297762740885. Disponível em: <https://www.facebook.com/events/porto-alegre/1%C2%AA-caio-f-walking-tour/591602248252948/>. Acesso em: 23 ago. 2023.

GOMES, Luís. Antiga casa de Caio Fernando Abreu em Porto Alegre começa a ser demolida. **Sul21**, Porto Alegre, 2022. Disponível em: <https://sul21.com.br/noticias/cultura/2022/07/antiga-casa-de-caio-fernando-abreu-em-porto-alegre-comeca-a-ser-demolida/>. Acesso em: 22 ago. 2023.

INSTITUTO ESTADUAL DO LIVRO (IEL). O autor e seu tempo. *In*: INSTITUTO ESTADUAL DO LIVRO (IEL). **Autores gaúchos**: Caio Fernando Abreu. Porto Alegre: IEL, 1995.

LIMA E SILVA, Márcia Ivana de. Caio F – itinerário de uma literatura universal. **Jornal da Universidade**, Porto Alegre, v. 19, n. 189, 2016, p. 13. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/148198>. Acesso em: 30 ago. 2023.

LISPECTOR, Clarice. **Todas as cartas**. Rio de Janeiro: Rocco, 2020.

LOPES, Ariel Bertoni. **Movimentos sociais LGBTI+ de Porto Alegre**: análise das trajetórias históricas, suas emergências e lutas na interface com a rede de atendimento. 2023. 92 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Serviço Social) – Instituto de Psicologia, Serviço Social, Saúde e Comunicação Humana, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2023.

MALINOSKI, André. Da Rua da Praia à Avenida da Legalidade, por que vias, praças, parques mudam de nome em Porto Alegre?. **GaúchaZH**, Porto Alegre, 4 mar. 2022. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/porto-alegre/noticia/2022/03/da-rua-da-praia-a-avenida-da-legalidade-por-que-vias-pracas-parques-mudam-de-nome-em-porto-alegre-cl09knwzp001m017csfz4d6ls.html>. Acesso em: 21 ago. 2023.

MASSARO, Henrique. Histórico, inovador e humano. **Correio do Povo**, Porto Alegre, 1 out. 2019. Disponível em: <https://www.correiodopovo.com.br/especial/hist%C3%B3rico-inovador-e-humano-1.369323>. Acesso em: 22 ago. 2023.

MEDEIROS, Tiago Vidal. **"O crime da casa gay"**: o Caso Luísa Felpuda e a produção de sexualidades desviantes pela imprensa (Porto Alegre, 1980). 2018. 70 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em História) – Departamento de História, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/181434>. Acesso em: 20 ago. 2023.

MELO, John Vitor de. **Do clássico ao contemporâneo**: um roteiro turístico literário pela poesia recifense. 2022. 51 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Tecnólogo em Gestão de Turismo) – Departamento Acadêmico de Cursos Superiores, Instituto Federal de Pernambuco, Recife, 2022. Disponível em: <https://repositorio.ifpe.edu.br/xmlui/handle/123456789/901>. Acesso em: 30 ago. 2023.

MENDES, Sérgio Luiz da Silva. A imprensa alternativa durante a ditadura militar no Brasil (1964-1984): um olhar historiográfico. **Contraponto**: Revista Eletrônica de História, Teresina, n. 1, v. 1, jun. 2011. Disponível em: <https://revistas.ufpi.br/index.php/contraponto/article/view/3714>. Acesso em: 22 ago. 2023.

MONTERO, Teresa. **O Rio de Clarice**: passeio afetivo pela cidade. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2018.

MORAES, Eliane Robert. Topografia do risco: o erotismo literário no Brasil contemporâneo. **Cadernos Pagu**, v. 31, 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cpa/a/QpH6nwzGCBGK6FhC9Dxzjdf/>. Acesso em: 19 ago. 2023.

MORICONI, Ítalo (org.). **Cartas**: Caio Fernando Abreu. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2002.

OLIVEIRA, Bruna. Tabelionato vai ocupar térreo de prédio do antigo Cine Baltimore. **Jornal do Comércio**, Porto Alegre, 12 mar. 2020. Disponível em: https://www.jornaldocomercio.com/_conteudo/economia/2020/03/728895-tabelionato-vai-ocupar-terreo-de-predio-do-antigo-cine-baltimore.html. Acesso em: 20 ago. 2023.

PEREIRA, Valéria de Freitas. **Caio Fernando Abreu em Inventário do irremediável**: navegante de águas turvas. 2008. 120 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008. Disponível em: https://www.teses.usp.br/index.php?option=com_jumi&fileid=17&Itemid=160&id=67A59CAA60E6&lang=pt-br. Acesso em: 23 ago. 2023.

QUINTEIRO, Sílvia; BALEIRO, Rita. **Estudos em literatura e turismo**: conceitos fundamentais. Lisboa: Universidade de Lisboa, 2017.

REDE BRASIL SUL (RBS). Cemitério Ecumênico João XXIII completa 50 anos. **GaúchaZH**, Porto Alegre, 28 fev. 2022. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/geral/conteudo-de-marca/2022/02/cemiterio-ecumenico-joao-xxiii-completa-50-anos-cl02eobnq001t0165x39txpmd.html>. Acesso em: 5 ago. 2023.

REDE BRASIL SUL (RBS). Por onde andaré Apolinário?. **GaúchaZH**, Porto Alegre, 26 mar. 2017. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/cultura-e-lazer/almanaque/noticia/2017/03/por-onde-andara-a-polinario-9757068.html>. Acesso em: 19 ago. 2023.

REDE BRASIL SUL (RBS). Relembre como eram e onde ficavam famosos cinemas de rua de Porto Alegre. **GaúchaZH**, Porto Alegre, 18 jun. 2015. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/porto-alegre/noticia/2015/06/relembre-como-eram-e-onde-ficavam-famosos-cinemas-de-rua-de-porto-alegre-4783480.html>. Acesso em: 18 ago. 2023.

RIBEIRO, Duciléia da Cruz Pereira. **Por um turismo literário em Alcântara**: roteiro guiado pela obra "Noite sobre Alcântara", de Josué Montello. 2021. 66 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Tecnólogo em Gestão de Turismo) – Instituto Federal do Maranhão, Alcântara, 2021. Disponível em: https://alcantara.ifma.edu.br/wp-content/uploads/sites/7/2021/06/DUCILEIA-DA-CRUZ-PEREIRA-RIBEIRO_POR-UM-TURISMO-LITERARIO-EM-ALCANTARA_2021.pdf. Acesso em: 30 ago. 2023.

RODRIGUES, Gabriel. No Dia do Orgulho LGBTQIAPN+, entenda quem define a sigla e qual é a mais usada. **O Tempo**, Belo Horizonte, jun. 2023. Disponível em: <https://www.otempo.com.br/brasil/no-dia-do-orgulho-lgbtqiapn-entenda-quem-define-a-sigla-e-qual-e-a-mais-usada-1.2932642>. Acesso em: 5 ago. 2023.

SHAW, Larry. **Look into their eyes and you see what they know**. *In*: Desperate Housewives. Direção: Larry Shaw. Estados Unidos: American Broadcasting Company (ABC), 2009. 43min. Temporada 5, episódio 19.

SILVEIRA NETO, Olavo Amaro da. **Cinema de rua em Porto Alegre**: do Recreio Ideal (1908) ao Açores (1974). 2001. 274 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) – Faculdade de Arquitetura, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2001. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/1830/000309569.pdf?...1>. Acesso em: 20 ago. 2023.

SOUZA, Mariana Barbosa de. **A mapeadora de ausências**: metapesquisa da produção histórica sobre a população LGBTQIAPN+ no Brasil (1987-2018). 2022. 155 f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2022. Disponível em: <https://tede2.uepg.br/jspui/handle/prefix/3852>. Acesso em: 5 ago. 2023.

TEIXEIRA, Paulo César. Moacyr Scliar, Caio Fernando Abreu e outros: os "autores de mimeógrafo" da Porto Alegre dos anos 1970. **GaúchaZH**, Porto Alegre, 2020. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/cultura-e-lazer/almanaque/noticia/2020/01/moacyr-scliar-caio-fernando-abreu-e-outros-os-autores-de-mimeografo-da-porto-alegre-dos-anos-1970-ck5cw23xh03lp01oddmauxkff.html>. Acesso em: 23 ago. 2023.

TRENTINI, Jussara Aparecida de Oliveira. **Turismo literário**: características da oferta e produção acadêmica. 2021. 109 f. Dissertação (Mestrado em Turismo) – Setor de Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Turismo, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2021. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/78517>. Acesso em: 30 ago. 2023.

TRIBUNAL DE JUSTIÇA DO ESTADO DE SERGIPE (TJSE). **Respeitando todas as formas de existir**: manual de comunicação LGBTQIAPN+. Aracaju, 2022. Disponível em: https://www.tjse.jus.br/portaldoservidor/arquivos/documentos/espaco-do-servidor/manuais/manual_comunicacao_lgbtqiapn.pdf. Acesso em: 5 ago. 2023.

VIÑAL JÚNIOR, José Veiga *et al.* Proposta de roteiro de turismo literário em Salvador-Bahia (Brasil) com base na obra de Jorge Amado "Bahia de todos os santos - guia das ruas e mistérios". **Revista de Ocio y Turismo**, Coruña, v. 13, n. 1, 2019, p. 51-70. Disponível em: <https://revistas.udc.es/index.php/rotur/article/view/rotur.2019.13.1.4001>. Acesso em: 30 ago. 2023.

VITOLA, Alex. Caio na Memória Viva, projeto que joga luz sobre Caio Fernando Abreu e sua obra, estreia dia 20 de outubro e terá ações virtuais e presenciais. **Pics - Música e Cultura**, [S. i.], 2022. Disponível em: <https://www.picsphotopress.com/2022/10/11/caio-na-memoria-viva-projeto-que-joga-luz-sobre-caio-fernando-abreu-e-sua-obra-estreia-dia-20-de-outubro-e-tera-acoes-virtuais-e-presenciais/>. Acesso em: 1 set. 2023.

WEBER, Jéssica Rebeca. Antiga casa de Caio Fernando Abreu é demolida, no Menino Deus. **GaúchaZH**, Porto Alegre, 2022. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/porto-alegre/noticia/2022/07/antiga-casa-de-caio-fernando-abreu-e-demolida-no-menino-deus-cl5rclu4u0087014sgftvhpv4.html>. Acesso em: 22 ago. 2023.

APÊNDICE A - RELAÇÃO: ANO DE VIDA E LOCAL DE MORADIA

CAIO FERNANDO ABREU: RELAÇÃO ANO-LOCAL DE MORADIA			
IDADE	ANO	LOCAL DE MORADIA	FONTES [1]
0	1948	Santiago do Boqueirão	MORICONI (2002) CALLEGARI (2008) DIP (2009)
1	1949		
2	1950		
3	1951		
4	1952		
5	1953		
6	1954		
7	1955		
8	1956		
9	1957		
10	1958		
11	1959		
12	1960		
13	1961		
14	1962		
15	1963		
16	1964	Porto Alegre	
17	1965		
18	1966		
19	1967		
20	1968	São Paulo Campinas Caraguatatuba Porto Alegre	
21	1969		
22	1970		
23	1971	Rio de Janeiro Porto Alegre	
24	1972		
25	1973	Estocolmo Londres	
26	1974		
27	1975	Porto Alegre	
28	1976		
29	1977		
30	1978	São Paulo	
31	1979		
32	1980		
33	1981		
34	1982	Rio de Janeiro Porto Alegre	
35	1983		
36	1984	São Paulo	
37	1985		
38	1986		
39	1987		
40	1988		
41	1989		
42	1990	Londres	
43	1991		
44	1992	Saint-Nazaire Porto Alegre São Paulo	
45	1993		
46	1994	Porto Alegre	
47	1995		
	1996		